

Editorial Cultural FM Torres RS – 29 fev. 24

A Concentração de renda no mundo aponta para a necessidade de maior tributação dos mais ricos

O escândalo da concentração de renda e da não tributação dos ricos
Poder360.com.br/opiniaio/o-escandalo-da-concentracao-de-renda-e-da-nao-tributacao-dos-ricos

SUPER-RICOS: João Paulo Pacífico, saiba quem é o único milionário brasileiro que pede mais impostos para super-ricos
Folhadapb/super-ricos-joao-paulo-pacifico-saiba-quem-e-o-unico-milionario-brasileiro-que-pede-mais-impostos-para-super-ricos
[Notícias.uol/Em-davos-super-ricos-pedem-para-pagar-mais-impostos](http://Noticias.uol/Em-davos-super-ricos-pedem-para-pagar-mais-impostos)

A existência de ricos e pobres é uma constante desde primórdios da humanidade e decorre de vários fatores, dentre os quais a maior capacidade de alguns para imporem sobre outros, mais vulneráveis, seu domínio, muitas vezes acompanhado da prática de crueldades e até o direito de matá-los, agravando a distância social. Na Roma Antiga o PATER FAMILIA tinha o poder de assassinar até a própria família. A escravidão, que desembocou e alimentou o patriarcalismo, foi a mais brutal forma de dominação. Atravessou séculos. Deixou rastros... Ainda no século XIX sobrevivia no Brasil - e não raro emergem notícias de descoberta de cativeiros nos quais os trabalhadores são submetidos a condições similares à escravidão -. Viajantes ilustres deixaram o testemunho da barbárie da escravidão no Brasil, muitas vezes romantizada sob o manto da idealização do Império, regime retrógrado, odioso e de “decrepitude moral”. Eis o relato de Darwin:

Notas de Charles Darwin sobre a crueldade brasileira: Charles Darwin quando esteve no Recife, se impressionou com a brutalidade das pessoas e escreveu: "É uma terra de escravidão, portanto de decrepitude moral!"

Em sua travessia pelo norte fluminense, Darwin deparou-se também com os horrores da escravidão. Dois episódios lhe marcaram profundamente. Um deles aconteceu na Fazenda Itaocaia, em Maricá, a 60 km do Rio, no dia 8 de abril, quando um grupo de caçadores saiu no encalço de alguns escravos. A certa altura, os foragidos se viram encurralados em um precipício.

Uma escrava, de certa idade, preferiu atirar-se no abismo a ser capturada pelo capitão do mato. "Praticado por uma matrona romana, esse ato seria interpretado como amor à liberdade", relatou Darwin. "Mas, vindo de uma negra pobre, disseram que tudo não passou de um gesto bruto".

Após sair do Brasil escreveu: "Nunca mais ponho os pés em um país escravocrata! No Recife um jovem mulato era constante e brutalmente espancado pelo seu senhor. Até hoje, quando escuto um grito na madrugada penso que é um escravo brasileiro e tremo todo. Em Salvador e no RJ as donas de casa tinham tarrachas para esmagar as articulações dos dedos dos escravos domésticos. E aos domingos iam à igreja, onde diziam amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo".

Fonte: Livro Viagens de um naturalista ao redor do mundo, Darwin, dedica várias páginas de sua estadia no Brasil em 1832.

O século XX deu uma trégua às injustiças sociais, apesar de que assistiria, ainda, a brutalidade do neocolonialismo sobre Ásia e África, com inúmeros casos de genocídio, como no Congo, não raramente desembocando em convulsões e revoluções sociais. Duas grandes guerras mundiais, enfim, com um saldo de mais de 100 milhões de mortos obnubilaram, porém, os eventuais avanços que culminariam na consagração da Doutrina dos Direitos Humanos sob a égide da ONU. As décadas finais, entretanto, do século XX, trouxeram uma reconfiguração da economia mundial com a globalização sob o comando de uma moeda sem lastro e que acabou se oferecendo como instrumento de um jamais visto processo de acumulação estritamente financeira. Desde então, o desenvolvimento, mesmo no centro do sistema global, tem girado em torno da especulação financeira, que impede a disseminação do progresso técnico sobre o sistema produtivo, restringindo as possibilidades de redistribuição de seus benefícios entre lucros e salários e criando crescentes dificuldades para o financiamento do setor público. Os capitais volatilizados em escala mundial sem precedentes exigem ampla liberdade para seu movimento com o mínimo de ônus social sob a alegação de que se constituem na mola propulsores dos investimentos. A consequência, no mundo inteiro tem sido a crescente concentração de renda, pela qual 1% do das pessoas controla os 99% e dificuldades para os Estados de se posicionarem afirmativamente sobre este processo de forma a financiar necessidades de financiamento de seus serviços ao conjunto da população e manutenção das economias ditas externas ao processo produtivo. O Brasil é um exemplo da injustiça social que acompanha a modernização do país: 120 milhões ganham ATÉ um salário mínimo e vivem em condições subhumanas em periferias das grandes cidades. Diante disso, cresce a consciência da necessidade de se mudar de rumos. Urge a montagem de uma sólida e efetiva Política de Combate à Fome e Pobreza em escala planetária e criação de mecanismos globais de financiamento público para esta tarefa. Este foi o sentido da exposição, ontem, do Ministro Haddad ao encontro dos Ministros de Economia dos principais países do mundo, reunidos no Rio em preparação ao ENCONTRO DOS CHEFES DE ESTADO do G20, em novembro próximo. Muitos países, analistas e até mesmo grandes empresários já se sensibilizam diante do atual cenário social contemporâneo, dispendo-se a pagar a conta desta mudança de rumos. Tanto nos Estados Unidos, como até no Brasil, já se registram depoimentos de bilionários dispostos a fazer a sua parte para a descongestão de um processo não só injusto, como disfuncional ao próprio desenvolvimento. Os signatários de uma carta pedindo para pagar mais impostos foi assinada recentemente por abastadas pessoas de 17 países, entre os quais estão a herdeira do império Disney, Abigail Disney; o ator e roteirista Simon Pegg; Valerie Rockefeller, herdeira da dinastia de sua família; Ise Bosch, neta do industrial alemão Robert Bosch e o músico e compositor Brian Eno, a qual se associou o brasileiro João Paulo Pacífico. Isso demonstra que a exigência por uma Política de Eliminação da Miséria no mundo e maiores impostos em escala global sobre os mais ricos nada mais é do que uma reivindicação, além de humanista, civilizadora.

Anexo

Haddad critica super-ricos em abertura do G20. Com Covid, ministro participa da reunião de ministros e presidentes de BCs de forma remota

Júlia Moura - São Paulo

Em seu discurso de abertura do 1º encontro de ministros e presidentes de Bancos Centrais do G20 nesta quarta-feira (28), o ministro Fernando Haddad (Fazenda) teceu críticas aos super-ricos, citando flexibilização das leis trabalhistas e evasão fiscal. "Chegamos a uma situação insustentável, em que os 1% mais ricos detêm 43% dos

ativos financeiros mundiais e emitem a mesma quantidade de carbono que os dois terços mais pobres da humanidade", afirmou Haddad via videochamada —o ministro está isolado em sua residência, em São Paulo, após receber diagnóstico positivo para Covid-19.

Segundo o ministro, a globalização e as crises econômicas causaram piora das condições de trabalho, a hiper-financeirização e um complexo sistema offshore para evasão tributária dos super-ricos.

"Ao mesmo tempo em que milhões saíram da pobreza, especialmente na Ásia, houve substancial aumento de desigualdades de renda e riqueza em diversos países", disse o ministro.

Em sua fala, que durou dez minutos, ele disse ainda que o mundo tem lutado para redefinir os contornos de uma nova globalização, com a crise climática e a pobreza no centro das atenções.

"Os países mais pobres devem arcar com custos ambientais e econômicos crescentes, ao mesmo tempo que veem suas exportações ameaçadas por uma crescente onda protecionista, bem como uma parcela significativa das suas receitas comprometidas pelo serviço da dívida, em um cenário de juros elevados pós-pandemia", disse Haddad.

Segundo o presidente do Banco Central brasileiro, Roberto Campos Neto, políticas macroeconômicas, fiscais e monetárias sólidas e "bem calibradas" são fundamentais nesse sentido, já que contribuem para a redução da desigualdade.

"Existem muitas evidências que sustentam que a inflação tem um impacto negativo nos níveis de pobreza. Prejudica desproporcionalmente os mais vulneráveis, aprofundando as lacunas e desigualdades sociais existentes", afirmou Campos Neto.

De acordo com o presidente do BC, a dívida soberana global atingiu níveis elevados após a pandemia, com um custo igualmente alto, o que gera menos liquidez para os mercados emergentes e países de baixo rendimento.

Após as falas de abertura das autoridades brasileiras, a palavra foi passada à delegação americana, com Janet Yellen (secretária do Tesouro) e Jerome Powell (presidente do Federal Reserve, o banco central dos EUA).

Depois das considerações iniciais das delegações, o G20 irá debater estratégias para integrar a análise de desigualdades como uma preocupação fundamental de políticas macroeconômicas, disse Haddad.

"Acreditamos que a desigualdade não deve ser apenas tratada como uma preocupação social, um mero corolário da política econômica" afirmou o ministro.

"Nossa proposta é centrar a desigualdade como uma variável fundamental para a análise de políticas econômicas. Queremos desenvolver as ferramentas analíticas mais adequadas para isso, nos beneficiando de pesquisas recentes de economistas e outros cientistas sociais, que têm dado importantes contribuições ao tema."

Em seguida, o presidente do BC brasileiro Roberto Campos Neto coordenará os debates sobre a atual conjuntura macroeconômica e estabilidade financeira internacional.

Na quinta-feira (28), último dia do encontro, o G20 irá abordar a tributação progressiva na parte da manhã, abordando as negociações em andamento na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e na ONU (Organização das Nações Unidas), sobre tributação mínima global.

"Precisamos admitir que ainda precisamos fazer com que os bilionários do mundo paguem sua justa contribuição em impostos", disse Haddad.

O último debate, na quinta, será sobre dívida e desenvolvimento sustentável, de modo a abordar o alto endividamento dos países e a necessidade de investimentos para a transição energética.

Em 1º de dezembro de 2023, o Brasil assumiu a presidência do G20 e definiu como

temas centrais da sua gestão o combate à pobreza e à desigualdade, o financiamento efetivo ao desenvolvimento sustentável, reformas da governança e da tributação globais, a cooperação global para transformação ecológica e o endividamento crônico dos países.

O que é o G20?

É a abreviação de Grupo dos 20, que reúne os países com as maiores economias do mundo. Os Estados-membros se encontram anualmente para discutir iniciativas econômicas, políticas e sociais. O grupo se define como o principal fórum de cooperação econômica internacional, com "papel importante na formação e no fortalecimento da arquitetura e da governança global em todas as principais questões econômicas internacionais".

Quais países integram o grupo?

O grupo é formado por 19 países e dois blocos econômicos. São tu Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, Coreia do Sul, México, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos, União Europeia e União Africana (que participa pela primeira vez, depois de entrar no grupo em 2023).

Números divulgados pela própria organização afirmam que, juntas, as nações representam cerca de 85% do PIB global, mais de 75% do comércio mundial e quase dois terços de toda a população.

Como surgiu?

O G20 foi fundado em 1999, após uma crise financeira na Ásia. O objetivo inicial do fórum era reunir ministros da Economia e presidentes de bancos centrais dos países-membros para discutir questões econômicas.

A partir de 2008, diante do crescimento da importância dos países emergentes na economia global e após a crise financeira global, as reuniões passaram a contar com a presença de chefes de Estado. Os temas também se tornaram mais amplos, incluindo tópicos como desenvolvimento sustentável, saúde, agricultura, energia e meio ambiente.

Como funciona o grupo?

A presidência do G20 é rotativa, e a cada ano um país-membro diferente é escolhido para liderar o grupo. O país em questão fica responsável por formular a agenda do grupo no período e serve de anfitrião para a cúpula do evento naquele ano, recebendo não só representantes dos demais integrantes do bloco como também os de nações convidadas. Por fim, o presidente do grupo define quais serão os temas debatido durante o encontro.

O Brasil o recebeu da Índia a presidência do grupo em 1º de dezembro de 2023 e o chefiará por um ano, quando passará o bastão para a África do Sul.

Quais temas serão debatidos?

O Brasil elencou três temas prioritários a serem debatidos sob sua presidência: combate à fome, pobreza e desigualdade; desenvolvimento sustentável e reforma da governança global.

Como ocorrem os debates?

Estão previstas 130 reuniões virtuais e presenciais dos grupos de trabalho e forças-tarefas que compõem o G20. As discussões são divididas em duas "trilhas": Sherpas e Finanças.

A Trilha Sherpa, cujo nome faz referência a uma etnia nepalesa que guia alpinistas ao cume do Monte Everest, é composta por emissários pessoais dos líderes do G20, que supervisionam as negociações, discutem os pontos que formam a agenda da cúpula e coordenam a maior parte do trabalho.

O coordenador desta trilha, indicado pelo presidente Lula, é o embaixador Maurício Lyrio, secretário de Assuntos Econômicos e Financeiros do Itamaraty.

A trilha de Finanças trata de assuntos macroeconômicos estratégicos e é comandada pelos ministros das Finanças e presidentes dos Bancos Centrais dos países-membros. A coordenadora da Trilha de Finanças é a economista e diplomata Tatiana Rosito, secretária de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda.

Quais são as principais reuniões?

O principal encontro é a Cúpula do G20, que tem como objetivo reunir todos os chefes de Estado do grupo. Ela está marcada para os dias 18 e 19 de novembro no Rio de Janeiro. A previsão é que ela ocorra no MAM (Museu de Arte Moderna).

A reunião de chanceleres, marcada para esta semana, é a primeira de nível ministerial sob a presidência do Brasil. Ela ocorrerá na Marina da Glória. A próxima ocorrerá na semana que vem, reunindo ministros da Fazenda (e pastas equivalentes) e presidentes dos Bancos Centrais dos países-membros em São Paulo.

Estão previstas outras 19 reuniões ministeriais antes da Cúpula de chefes de Estado. Elas ocorrerão majoritariamente no Rio de Janeiro, mas também, em São Paulo, Brasília, Fortaleza, Belém, Maceió, Salvador, Cuiabá, Manaus, Foz do Iguaçu e Washington (Estados Unidos).

Editorial Cultural FM Torres RS – 28 fev. 24

A importância da cultura para a economia municipal

Este programa – Bom Dia Torres/Passo de Torres tem, desde seu início há dois anos, o apoio cultural do Movimento Torres Além Veraneio, um inédito esforço de escritores, jornalistas, produtores de cultura na cidade, criado em 2019, para valorizar a escala cultural da cidade e da região.

O Movimento Torres Além Veraneio é uma iniciativa voltada para a valorização da escala cultural da cidade de Torres, no Rio Grande do Sul, Brasil. Seu objetivo é promover a cultura, as artes, a filosofia e o artesanato, não apenas como instrumentos de formação da cidadania, mas também como impulso para o turismo ao longo do ano. O movimento busca maior atenção governamental para essas áreas e compartilha experiências culturais vividas na cidade. Ele organiza eventos e ações que contribuem para a riqueza cultural e o desenvolvimento da comunidade local¹².

Recentemente, o IV Farol Literário de Torres, uma ação promovida pelo Movimento Torres Além Veraneio, reuniu autores e promotores da cultura em Torres. Esse evento teve como objetivo destacar a importância das artes, da filosofia e do artesanato, além de promover o turismo na cidade. A Prefeitura de Torres também apoia e fomenta a cultura local, divulgando eventos culturais e incentivando a participação da comunidade²³.

É inspirador ver como o movimento cultural pode unir diferentes entidades em prol do desenvolvimento e da educação na comunidade. Torres é uma cidade rica em história e tradição, e iniciativas como essa contribuem para torná-la ainda mais especial. ✨🎨📖

Saiba mais

-----*

Este Movimento vem participando, também, de todas as atividades ligadas à promoção do turismo demonstrando a importância da economia da cultura na atual etapa do

desenvolvimento da humanidade e do país. No país cerca de 5 milhões de pessoas vivem direta ou indiretamente da cultura, um número significativo à luz dos cerca de 100 milhões que compõem nossa força de trabalho. Há pouco, o Movimento Torres Além Veraneio participou, também, de uma Audiência Pública realizada na Câmara de Vereadores de Torres quando divulgou uma importante coletânea sobre o assunto, com destaque para os Distritos Criativos. Tal iniciativa não é mais uma distante realização de países europeus. Em Porto Alegre, como resultado da iniciativa privada, está em pleno funcionamento o Distrito Criativo do IV Distrito, contribuindo para dar novos ares e perspectivas para uma antiga área industrial em decadência. Vide publicação desta publicação aqui na CULTURAL FM -

https://files.comunidades.net/torrestv/ECONOMIA_CRIATIVA.pdf . Como estamos entrando num período eleitoral de renovação de Prefeito e Vereadores, fica aqui o registro da importância de se exigirem dos postulantes a estes cargos maior atenção à CULTURA em Torres e Passo de Torres, cidades cada vez mais interligadas, à despeito de pertencerem a distintas administrações. Urge a reabertura e dinamização dos nossos equipamentos e espaços culturais bem como a construção de um Centro Municipal de Cultura à semelhança dos existentes em quase todos os municípios vizinhos.

Anexo

Cláudio Carfraly* - Cultura nos Municípios Brasileiros: Rumo a Políticas Públicas Inovadoras – 27 fev 2024

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../claudio-carfraly...>

A cultura é um pilar fundamental da identidade de qualquer sociedade. No contexto dos municípios brasileiros, ela desempenha um papel crucial na promoção da diversidade, no estímulo à criatividade e na preservação do patrimônio histórico. No entanto, muitos municípios ainda enfrentam desafios na construção de políticas públicas inovadoras que possam impulsioná-la localmente. A cultura é o que nos conecta às nossas raízes, fortalece nossa identidade e nos proporciona meios de expressão, ela se manifesta em diferentes formas, desde festas tradicionais até a produção artística contemporânea, é um ativo inestimável, não apenas do ponto de vista social, mas também econômico.

Municípios que investem em cultura frequentemente experimentam um aumento no turismo, uma economia criativa vibrante e uma população mais engajada, não à toa que nos últimos anos, devido a um verdadeiro desmonte dos mecanismos de apoio por parte do poder central, muito se deixou de avançar, portanto, é chegada a hora da retomada do crescimento.

No entanto, muitos municípios estão enfrentando inúmeros obstáculos na promoção e retomada dessa fundamental política pública, isso inclui restrições orçamentárias, falta de infraestrutura cultural adequada e, por vezes, uma desconexão entre os órgãos públicos e a comunidade artística. Para superar esses desafios, é necessário adotar abordagens inovadoras e mais abrangentes. A construção de políticas públicas específicas para cultura requer uma visão de longo prazo e um compromisso com a promoção da diversidade cultural e da expressão criativa. Uma das bases para o desenvolvimento cultural é logicamente o investimento financeiro, mas não apenas isso, os municípios, além de dedicar uma parcela de seus orçamentos à cultura, devem estimular a criação de um Fundo de Cultura, alimentado por recursos públicos e parcerias com a iniciativa privada, garantindo financiamento a longo prazo aos projetos de interesse, isso possibilita apoio a uma gama diversificada de iniciativas culturais, desde festivais até a formação de artistas locais, sem demandar dos cofres municipais que já sofrem com elevada escassez.

Cultura não é apenas uma expressão artística, é também uma indústria em amplo crescimento, o poder público pode criar incubadoras para apoiar empreendedores

culturais, oferecendo orientação, treinamento e infraestrutura. Além disso, a designação de Distritos Culturais, com incentivos fiscais para empresas e artistas, pode impulsionar o crescimento da economia criativa local, levando em conta as características de cada bairro e comunidade, criando toda uma sinergia e promovendo uma verdadeira onda criativa e sustentável. Para garantir que essa política seja acessível, os municípios devem investir também em uma abordagem digital, plataformas online que disponibilizam exposições virtuais, concertos ao vivo, acervos históricos, além de enquetes para escolha de atrações para eventos e/ou homenagens, podem ampliar o acesso à cultura, proporcionando oportunidades para pessoas não apenas do município, mas de todos os lugares.

Algo fundamental é a preservação do patrimônio histórico para manutenção da identidade cultural de um município, programas de restauração de edifícios históricos em parceria com instituições privadas e internacionais, podem garantir que o patrimônio arquitetônico seja mantido vivo, além disso, criar museus e bibliotecas interativas e envolventes pode atrair um público mais amplo e garantir que a história seja compartilhada de maneira mais envolvente. Nem sempre um município tem uma marca cultural e histórica relevante, ou bem trabalhada, que possa apresentar comercialmente aos setores sociais e turísticos, levando o gestor público a operar a cultura de forma apenas colateral. Porém, até isso também pode ser trabalhado e até criado, uma gestão qualificada que tenha a política cultural como fundamental pode, agindo coletivamente, identificar características próprias que sejam ressaltadas e apresentadas aos seus munícipes como uma marca que identifica sua cidade, gerando pertencimento e coesão da população, essa construção comandada pela administração municipal reverberará não apenas para o período do mandato do gestor, mas também restará como um legado para o futuro, devendo ser trabalhada e fortalecida nas administrações subsequentes.

Outra abordagem fundamental para um programa inovador de cultura local, é a integração dessa temática ao currículo escolar desde cedo, a criação de escolas municipais de belas-artes que ofereçam educação cultural de qualidade para pessoas de todas as idades pode desempenhar um papel crucial na formação de uma população culturalmente engajada. Além disso, programas culturais transversais nas demais escolas da rede, podem introduzir crianças e jovens a uma variedade de expressões culturais e artísticas que são profundamente transformadoras. À medida que os municípios investem culturalmente, eles estão investindo no futuro, criando comunidades mais vibrantes, atraentes e resilientes, pois essa é a alma de qualquer sociedade. É tarefa de todos nós assegurar que ela continue a prosperar em nossos municípios, por isso, a implementação bem-sucedida dessas políticas não depende apenas do poder público, mas também da participação ativa da sociedade civil, artistas locais e especialistas, o diálogo e a colaboração são essenciais para a construção de políticas que atendam às necessidades e desejos do conjunto das comunidades.

À medida que exploramos a importância da cultura nos municípios e as políticas públicas inovadoras que podem impulsionar seu desenvolvimento, é crucial reconhecer o papel vital desempenhado por uma abordagem multinível de apoio institucional, isso inclui o engajamento dos governos estaduais e do governo federal, bem como o apoio de organismos internacionais. Os municípios não podem e não estão isolados, eles fazem parte de uma rede interconectada de governos em vários níveis, as demais instâncias governamentais têm um papel importante a desempenhar no fornecimento de recursos e diretrizes para a cultura nos municípios. Isso pode ser alcançado por meio da alocação de recursos financeiros, da formulação de políticas de apoio à cultura e da promoção de intercâmbios culturais.

A cooperação entre os níveis de governo permite que os municípios acessem

experiências e recursos adicionais, fortalecendo suas iniciativas culturais. Uma colaboração eficaz entre as esferas de governo é essencial para garantir a integração da cultura em todas as camadas da sociedade, promovendo a diversidade e a criatividade.

A cultura transcende fronteiras, e o apoio internacional desempenha um papel significativo no enriquecimento dessa diversidade. Parcerias com instituições internacionais, intercâmbios e participação em eventos globais podem enriquecer a experiência dos municípios. Além disso, organismos internacionais, como a UNESCO, desempenham um papel de liderança na preservação do patrimônio cultural mundial, disseminação de boas práticas e na promoção da diversidade, a cooperação com essas organizações pode proporcionar acesso a recursos, conhecimento e experiência valiosos. O apoio dos entes nacionais, subnacionais e transnacionais é uma peça fundamental no quebra-cabeça da promoção cultural moderna e transformadora, à medida que os municípios se esforçam para construir políticas culturais inovadoras, a colaboração entre esses organismos é essencial.

Esse é um motor de transformação coletiva, capaz de impulsionar não só o crescimento econômico, mas fortalecer a identidade local e promover a inclusão social. A construção de políticas públicas inovadoras é um passo crucial para garantir que a cultura seja acessível ao coletivo da sociedade, a implementação bem-sucedida dessas políticas depende não apenas do poder público, mas também da participação ativa da sociedade civil, artistas locais e especialistas, o diálogo e a colaboração são essenciais para construção de políticas que atendam às necessidades e desejos da comunidade, respeitando suas características e singularidades. Ao adotar essa abordagem abrangente podemos desbloquear o verdadeiro potencial de nossa cultura como catalisador de transformação, promovendo diversidade, fortalecendo a identidade local, além da inclusão social, mostrando que essa engrenagem é muito maior, mais forte e rica que muita gente boa pensa, e pode ser a nova indústria limpa e ambientalmente sustentável que tanto buscamos.

*Cláudio Carraly, Advogado e coordenador do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil (OPEB).

Editorial Cultural FM Torres RS – 27 fev. 24

A manifestação da Paulista: Política ou Religião?

~~~~~\*\*

Miguel de Almeida - O sopão bolsonarista

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../miguel-de-almeida-o...>

Irapuã Santana - Projeção e maniqueísmo

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../irapua-santana...>

Deborah Bizarria - O que motiva os protestos

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../deborah-bizarria-o...>

Igor Gielow - Ato grande e previsível mostra Bolsonaro sem armas para a briga

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../igor-gielow-ato...>

Maria Cristina Fernandes - Ato de Bolsonaro na Paulista traz disputa por espólio e vírus resistente do negacionismo

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../maria-cristina...>



Bruno Carazza\* - Bolsonarismo: forte no zap e nas ruas, fraco no Congresso

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../bruno-carazza...>

Eliane Cantanhêde – Candidato ou não, ex-presidente move multidões e divide o País

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../eliane-cantanhede...>

Diogo Schelp - Manifestação coreografada

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../diogo-schelp...>

PF quer incluir Malafaia na investigação sobre golpe após ataques ao STF em ato na Paulista - Leia mais no 247

Responsável pela organização do ato pró-Bolsonaro em São Paulo, o pastor-empresário pode responder por tentar embarçar as investigações

### DEMOCRACIA EM TRANSE

Bolsonaro faz velório político, mas extrema direita segue forte no Brasil

Por Vinicius Rodrigues Vieira • Leia mais em JOTA

~~~~~\*\*

Continua repercutindo nos meios políticos do país a manifestação feita em São Paulo em apoio a Bolsonaro e seguidores, acossados pela Justiça por suposta tentativa de golpe continuísta ao final de 2022, ao qual se associaria o quebra-quebra de 8 de janeiro de 23 em Brasília. Apesar do impacto da Manifestação, no entanto, os brasileiros em casa preferiram assistir mais o futebol do que aquilo que ocorria na Avenida Paulista -
Estadao-r/politica/manifestacao-de-Bolsonaro-perde-para-futebol-que-dominou-interesse-dos-brasileiros-na-rede

Há um consenso, contudo, que a manifestação reuniu número significativo de pessoas, conferindo a Bolsonaro o chamado “domínio das ruas”. No ápice, ato de Bolsonaro na Paulista teve 185 mil pessoas, diz levantamento de pesquisadores da USP . Tal levantamento foi feito a partir de 43 fotos aéreas feitas entre as 15h e as 17h e submetidas a software que conta os indivíduos. Outra indagação repousa sobre as motivações do ex Presidente nesta convocação extemporânea ao calendário eleitoral. Para seus seguidores, tratou-se de uma musculação de suas forças direitistas diante da campanha que se avizinha. Não por acaso o mais sorridente dos presentes foi o Governador de São Paulo, um dos poucos oradores, visivelmente satisfeito com a forte presença popular ao evento que alimenta suas expectativas como sucessor de Bolsonaro. Já o Presidente do PL, também presente, foi cauteloso e apenas saudou os que fizeram deste o maior Partido do país. Com efeito, com a maior bancada na CÂMARA DOS DEPUTADOS o PL tem a maior fatia do bilionário Fundo Partidário, irrigado com recursos públicos do Orçamento, na ordem de R\$ 1 bilhão, além da maior mordida no Fundo Eleitoral deste ano, quatro vezes maior. Graças a isso consegue manter suntuosa sede e pagar vultosos salários a militantes notáveis, como o próprio Bolsonaro. A ex primeira dama, Michele Bolsonaro, que abriu a manifestação com uma dicção de caráter religioso, encerrada com circumspecta oração, foi uma oportunidade, também, para torna-la cada vez mais pública e disponível para futuras eleições. A presença e discursos do Pastor Silas Malafaia, entretanto, requer maiores reflexões. A ele, o Ex Presidente entregou a responsabilidade pela convocação da manifestação e tarefa mais dura de ataque às instituições, o que lhe custará, inevitavelmente, sua associação às investigações sobre a tentativa de golpe ano passado. Esta presença de um religioso, porém, de forte liderança entre evangélicos, reforçada pela intervenção da ex primeira dama, distorce, porém o caráter propriamente político da dita manifestação transformando-a num arriscado jogo de volta ao passado pré-republicano de subordinação do Estado à Igreja.

No Brasil a separação IGREJA – ESTADO se deu por obra de militares positivistas anticlericais que proclamaram a República e acabaram instaurando no Brasil Moderno a liberdade e respeito de cultos. Últimas decisões judiciais, inclusive, desautorizam o uso de símbolos religiosos em órgãos públicos, como Tribunais de Justiça. A presença de Malafaia, associada ao porte, por muitos manifestantes, chegando até ao ex Presidente, de bandeiras de Israel, eis que pentecostais e neopentecostais idealizam cada vez mais este Estado, introduz um elemento adicional à Política Nacional: a subordinação dos interesses nacionais a uma potência estrangeira onde se desenrola um conflito de grandes proporções, além de internalizar este conflito levando a confrontes entre as comunidades judaica e muçulmano.

Malafaia, enfim, acabou atacando Moraes e Barroso com o discurso mais radical do encontro enquanto os demais, inclusive Bolsonaro, foram considerados amenos. Uma observação importante: Sumiram os militares do palanque bolsonarista...E também grandes empresários. Poucos parlamentares, evidenciando sua perda de prestígio junto ao Centrão. Às vésperas do 60º. Aniversário do golpe de 1964, antecipado por grandes manifestações conservadoras lideradas pela TRADIÇÃO FAMILIA E

PROPRIEDADE, a manifestação deste 25 fevereiro, embora grandiosa em número, delas se diferencia pela redução de sua densidade institucional e pouca articulação com forças propriamente políticas e fraca capacidade de impulsionar o movimento, hoje sob os olhos cuidadosos da Justiça.

Para outros analistas, entretanto, o ato foi 'grito de desespero' e linha de defesa 'absurda' por temer prisão. Para eles, a fala de Bolsonaro diminui de tom frustrando muitos dos radicais que outrora alimentava com fortes ataques às instituições e acabou admitindo conhecimento da minuta que previa decretação de estado de sítio, prisão de parlamentares e Ministros do STF, como passos do golpe de Estado. Para estes analistas, apoiadores do Governo Lula III, a força da concentração da Paulista já não se deve à Bolsonaro mas exclusivamente à hábil manobra de manipulação de grupos religiosos que com ele se identificam através da adesão de figuras como Malafaia, o que não exclui o vigor eleitoral deste conservadorismo ancorado em costumes. Posições mais agudas à esquerda, porém, como VLADIMIR SAFATLE e grupos à esquerda da coligação de apoio a LULA III admitem que a extrema direita continua com maior iniciativa política diante da conjuntura nacional e que a esquerda perde crescentemente sua capacidade de mobilização e articulação de um projeto propriamente democrático e popular.

O tempo, enfim, nos dirá dos desdobramentos deste momento particular da vida nacional.

~~~~~\*

## ANEXO

### Jair Bolsonaro na Paulista

Não basta reclamar, xingar, fazer piadas, desqualificar, ofender e dirigir vitupérios ao fascismo made in Brazil. É preciso enfrentá-lo politicamente, retirá-lo do governo, assumir o real comando das forças armadas e definir melhor quem são aliados e inimigos. Sei que falar é fácil, mas não há outro jeito.

Publicado em 26/02/2024 - Por Gilberto Maringoni em A TERRA É REDONDA  
Qual o impacto na conjuntura da manifestação pública convocada por Jair Bolsonaro neste domingo (25 de fevereiro) na avenida Paulista?

Estive no ato e andei ao longo de toda sua extensão, indo e vindo, por duas vezes.

Fiquei impressionado. Eram quatro quadras apinhadas de gente. Havia pontos, no quarteirão onde se encontrava o caminhão de som, em que a compactação tornava quase

impossível a passagem. Numa apreciação impressionista, arrisco dizer que pouco mais de dois terços da massa era composta por gente de classe média-média, branca. O restante parecia ser de classe média baixa (pobres), com presença significativa de pretos e de pardos. Não era um protesto de grã-finos dos Jardins. Havia quatro governadores e algumas dezenas de parlamentares no palanque. Tarcísio de Freitas reforçou o policiamento e há notícias de que teriam vindo caravanas do interior e de outros estados. Dinheiro parece não ter faltado.

Qual a métrica para se avaliar o evento? Há pelo menos três essenciais: (i) Saber se havia um público em volume expressivo; (ii) O que Jair Bolsonaro pretendia com a iniciativa e (iii) Compará-lo com as possibilidades organizativas da esquerda. Examinemos a primeira variável. Mesmo que não tenha colocado no asfalto os 700 mil que alguns de seus apoiadores chegaram a alardear – é possível que tenham comparecido pouco menos de 200 mil –, a soma não é desprezível. Acima de tudo, vale a foto aérea de uma Paulista apinhada de gente.

Tudo indica que Jair Bolsonaro queria dar uma demonstração de força e retirar as acusações que enfrenta do terreno jurídico – que lhe é desfavorável – e deslocá-las para a seara política, na qual pode obter bom resultado. Cercado de processos, o Ex-mandatário está absolutamente correto em buscar as ruas. Uma possível prisão, assim como foi a de Lula, depende da criação de um ambiente político que enfraqueça sua legitimidade e o torne vulnerável aos tribunais. O petista só foi encarcerado depois de anos de impiedosa campanha midiática, de acusações infundadas por parte da Lava Jato, de opções desastrosas do PT no governo e do golpe de 2016.

O marido de Dona Michelle se fortaleceu na ensolarada tarde paulistana. Passa o recado de que não é carta fora do baralho, mesmo sendo inelegível. Mais do que tudo, mostra que o peso político da extrema direita brasileira não é pequeno.

Se a meta de mostrar apoio de multidões foi atingida, o segundo objetivo tem poucas chances de se concretizar. Como assinala Valter Pomar, Jair Bolsonaro propõe um acordo que livre sua cara e isso ficou explícito em seu discurso. Antes de entrar no mérito do que o ex-presidente externou ao microfone, é preciso focar brevemente na direção do espetáculo, ou na coreografia de palco.

Os principais oradores foram três, além de Jair Bolsonaro. Puxando a fila estava Michelle, a demonstrar fidelidade ao marido – ela cancelou uma viagem aos EUA – e pregar uma chorumela emotiva, pretensamente religiosa. Em seguida, tivemos Tarcísio de Freitas, anfitrião e possível herdeiro do espólio político do chefe, a garantir sua retidão de caráter. E por último e o mais importante, Silas Malafaia, misto de espertalhão e guru espiritual, para quem Jair Bolsonaro terceirizou a saraivada de ataques ao Supremo, ao TSE, a Lula, ao PT, a Alexandre de Moraes e a quem mais estivesse pela frente. No meio do fraseado, destacou em tom quase apocalíptico: “Jair Messias Bolsonaro é o maior perseguido político da nossa história”.

Limpo o terreno, o indigitado ficou livre para tentar um caminho sem agressões e baixarias, quase um “Jairzinho paz e amor”. E se revelou tremendamente defensivo e vulnerável. Em 22 minutos de uma oratória surpreendentemente articulada para os padrões do ex-capitão, ele falou de sua infância, da vida no Exército, contou da experiência parlamentar, de seus feitos na presidência, atacou o comunismo, a ideologia de gênero, o aborto e listou um rosário de lugares-comuns do fascismo pátrio que faz a alegria de seu eleitorado. Destacou ainda a importância do pleito municipal e negou ter tramado um golpe. De cambulhada, aproveitou para insistir no vitimismo: “Levo pancada desde antes das eleições de 2018”.

Depois da pieguice, vamos ao que interessa: buscar o que chama de conciliação e pacificação. “É passar uma borracha no passado. É buscar maneiras de nós vivermos em

paz. É não continuarmos sobressaltados”.

A arenga vai em frente: “Agora, nós pedimos a todos os 513 deputados e 81 senadores um projeto de anistia para que seja feita justiça em nosso Brasil”. E cita os possíveis beneficiários, “Esses pobres coitados que estavam lá no 8 de janeiro de 2023”. Mas o altruísmo do ás das motociatas logo revela o verdadeiro objetivo: “Também quero dizer que nós não podemos concordar que um poder tire do palco político quem quer que seja. A não ser que seja por um motivo extremamente justo”.

Aqui o ex-presidente manda as sutilezas às favas. Sua meta enfim é revelada por inteiro: sair liso – juntamente com o alto comando do golpe – de quase vinte acusações judiciais, transformando o caso em disputa política, apelando ao Congresso – que tem as prerrogativas constitucionais para isso – e não ao STF. O projeto do ato tem, assim, início, meio e fim. Nessa tentativa de mostrar força, é possível que busque realizar manifestações semelhantes em outras capitais.

O comportamento da mídia, ao longo do dia, foi cauteloso. Mesmo o Fantástico, principal atração dominical da Rede Globo, enquadrou a notícia numa reportagem de três minutos, quase ao final do programa, na qual não faltaram menções às acusações que pesam sobre Jair Bolsonaro. Como as corporações de comunicação têm sido atendidas em quase todas as suas demandas junto ao governo federal – arcabouço fiscal, verbas publicitárias, predomínio de fundações privadas na educação, não reversão de privatizações e reformas de Michel Temer e Jair Bolsonaro – possivelmente seus dirigentes avaliem não ser esse o momento de romper com a atual gestão.

Finalmente, do ponto de vista da esquerda, convém não subestimar a força da extrema direita. Desde a posse de Lula III, o que se entende genericamente por progressismo não colocou contingente equivalente em praça pública. Apesar da defensiva, Jair Bolsonaro age com competência ao buscar mudar o terreno de seu enfrentamento da Justiça para o Congresso. É difícil que conquiste a anistia, mas também é pouco provável que seja preso no curto prazo. Há um objetivo secundário nessa trama toda: o mais ilustre morador do condomínio Vivendas da Barra tenta coesionar e unificar nacionalmente os aliados com vistas às eleições de outubro.

Falta uma última peça nesse quebra-cabeças. Até aqui não há uma campanha vigorosa da esquerda contra a extrema direita. Ao contrário: o bolsonarismo está no governo e no Congresso, negociando cargos e prebendas. Sobra soberba, desleixo e falta de rumo nos campos progressistas. A celebração do 8 de janeiro no palácio do Planalto se resumiu a um convescote destinado a passar o pano geral para o andar de cima do golpe. Seguimos depositando todas as expectativas no Xandão.

A esquerda acaba fazendo um lawfare com sinal trocado ao bater às portas dos tribunais diante de qualquer controvérsia. Embora Lula tenha subido o tom na política externa, seu comportamento não é acompanhado pela maioria de seu partido ou das agremiações aliadas. Com raras exceções, ministros, senadores e deputados do PT evitam se posicionar nessa questão.

Não basta reclamar, xingar, fazer piadas, desqualificar, ofender e dirigir vitupérios ao fascismo made in Brazil. É preciso enfrentá-lo politicamente, retirá-lo do governo, assumir o real comando das forças armadas e definir melhor quem são aliados e inimigos. Sei que falar é fácil, mas não há outro jeito.

Artigo publicado originalmente no site A Terra é redonda.

---

\*

Gilberto Maringoni é professor de Relações Internacionais da UFABC e coordenador do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil (OPEB).

. ~~~~~

---

## Editorial Cultural FM Torres RS – 23 fev. 24

A fala de Lula sobre “holocausto” continua repercutindo

Se a fala de Lula na Etiópia surpreendeu muita gente quando comparou o holocausto judeu na II Guerra com o ataque de Israel aos palestinos como resposta ao ato terrorista do Hamas em 7 de outubro passado, levando, inclusive, o Chanceler israelense ao desvario, o tempo vai dando razão ao nosso Presidente. Era mesmo hora de alguém botar a boca no trombone, chamando a atenção do mundo para a barbárie perpetrada por um Estado sobre uma população civil desarmada: 30 mil mortos em três meses, metade mulheres e crianças. Lula, enfim, foi apoiado por vários Chefes de Estado – Turquia, Colômbia e Bolívia –, além de vários religiosos de várias confissões, inclusive judeus. A União Europeia não apoiou Lula, mas também não o condenou. E o “eixo” sul-sul o aplaudiu em silêncio. Só no Brasil Lula foi duramente criticado pela imprensa, açodada pelas organizações judaicas de inspiração sionista aqui sediadas, o que dá sim, razões para uma reflexão mais profunda sobre o que estaria por trás deste processo. Agora, abundam também artigos e avaliações positivas de analistas sobre a fala de Lula, como esta, do prestigiado J.M. Fiori, ontem divulgada:

“Pode-se falar de tudo, mas para falar da matança de judeus na 2a GM é preciso ter um “lugar de fala”. Só judeus podem fazê-lo. Ridículo se não fosse trágico.

No plano internacional todos falam de estados e governantes. E não vejo porque toda vez que se fale de Israel tenha que se pedir desculpas ao seu povo que elegeu o seu governo atual. Nunca vi os alemães pedirem desculpa pelos 20 milhões de russos que eles mataram na Segunda Guerra. Nem tampouco os europeus, com relação aos milhões que mataram na África, Ásia e América, toda vez que falam dos seus estados atuais. Além disto acho que a fala de Lula foi absolutamente pensada e calculada como uma última tentativa de mobilizar a consciência/ação dos americanos e europeus que estão completamente impotentes, porque foram e seguem sendo cúmplices, em última instância, Como diz Lula e vários outros líderes mundiais de menor expressão, se eles realmente quisessem evitar a próxima chacina de Rafah, não ficariam fazendo apelos ridículos pela criação de “corredores humanitários”. Simplesmente suspendiam o envio diário das armas e das bombas que foram utilizadas até aqui e serão utilizadas neste ataque enlouquecido deste psicopata, alimentado e sustentado sobretudo pelos americanos, ingleses e alemães. Acho que basta de ficar batendo no peito como se todos fossem culpados pelo que foi feto pela Alemanha, com a cumplicidade ativa de todos os fascistas dos demais países europeus, e de quase todos os países europeus. Acho que está na hora de dizer um basta, e acabar com esta farsa imposta pelos europeus ao resto do mundo que nunca teve nada a ver com isto, aliás quase os mesmos países que estão sustentando esta nova tragédia de extermínio dos palestinos que está acontecendo na frente dos nossos olhos. ”

---

## Editorial Cultural FM Torres RS – 22 fev. 24

### UMA CRUZ PARA JULIAN ASSANGE

Carlos Pronzato – Publ. jornal A Tarde, da Bahia. 21.02.24

O ativista australiano Julian Assange, fundador do site WikiLeaks, será julgado novamente no Reino Unido nos dias 20 e 21 de fevereiro, o que poderia ser a última etapa antes da sua extradição aos EUA. Preso nesse país desde 2019, é procurado pelos EUA por ter divulgado arquivos militares secretos entre 2010 e 2011. Em 2010 o seu site divulgou um vídeo que mostrava um helicóptero militar norte-americano abatendo 18 civis em Bagdá, capital do Iraque. Além disso publicou milhares de documentos confidenciais que indicavam que as Forças Armadas norte-americanas tinham matado centenas de civis que não constavam dos relatos oficiais durante a guerra do Afeganistão. Acusado de espionagem, pode ser extraditado aos EUA, onde poderia cumprir pena de até 175 anos, segundo fontes dos seus apoiadores. Em uma oportunidade, o diretor de WikiLeaks disse: “Debelamos ao mundo os segredos dos poderosos e construímos uma Biblioteca diferente, uma Biblioteca que contém a informação de como funciona nosso mundo e as suas instituições, informação que durante séculos só esteve nas mãos das elites e que agora colocamos a disposição do povo.”

O presidente Lula, que ontem se manifestou corajosamente em Adis Abeba, Etiópia, durante a 37 Cúpula da União Africana, contra o genocídio perpetrado pelo Estado de Israel contra o povo palestino, também se pronunciou sobre o caso em junho de 2023, em Roma: “Estou indignado com as pessoas que dizem defender a liberdade no mundo. Assange está em prisão porque denunciou ao mundo a espionagem dos EUA (...) o que Assange fez merece o respeito de todos os jornalistas da terra”. Como homenagem a quem teve a coragem de publicar verdades sem medo, escrevi o poema “Preparam uma Cruz para Julian Assange”:

Preparam uma cruz para Julian/Uma morte sem testemunhas/Com tuas mãos  
incrustadas/Pregadas com as 50 estrelas/pregos/Do Império/Preparam uma cruz para  
Julian/Com teu corpo agonizando/Atrás das 13 barras/barrotes/Dessa  
bandeira/Encharcada com o sangue do mundo.

Preparam uma cruz para Julian/Uma cruz/Com a verdade pendurada/Da tua coroa de  
espinhos

Clandestinos

Te matam por nos abrir os olhos/Te matam por revelar secretos/Do terrorismo norte-  
americano/Te matam por denunciar cinzas/Que voam como abutres/No final das  
guerras/ Te matam por ser um pombo/Uma notícia necessária/Um aviso/Um alerta/Em  
um mundo sem paz.

Te matam porque viste as mortes/Que tramam/E por isso/Querem uma cruz para Julian  
Uma cruz nas trevas/Para que ninguém saiba/Y que tua morte seja uma morte qualquer  
Mas o Império não impedirá/Que teu sangue - se te matam -/Seja notícia/Y seja a voz -  
nossa voz -/Que lhes grite na cara/Suas manobras/Seus golpes/E principalmente/Seus  
crimes/De guerra.

\*

Carlos Pronzato- Cineasta, diretor teatral, poeta e escritor. Sócio do Instituto Geográfico

## **Editorial Cultural FM Torres RS – dia 21 fev 24**

Começam os preparativos para o G20, que acontece no Rio, em novembro. Os Ministros das Relações Exteriores dos países membros do G20 vão se reunir nesta quarta (21) e quinta-feira (22) no Rio de Janeiro. O Brasil preside o grupo e vai pautar temas sociais, ambientais e a reforma das organizações multilaterais, como a ONU. A reunião no Rio funciona como preparação para a Cúpula do G20, que está marcada para novembro, no Rio. Enquanto isso, o grupo foca em duas frentes de trabalho: a Trilha de Sherpas e a Trilha de Finanças Conheça mais sobre o G20, quais seus objetivos e países-membros abaixo.

'Trilha de sherpas' e preparação para novembro: entenda o que é o G20 e o encontro no Brasil

'Trilha de sherpas' e preparação para novembro: entenda o que é o G20 e o encontro no Brasil | Mundo | G1 (globo.com)

Encontro desta semana terá Ministros das Relações Exteriores dos países membros e faz parte de uma série de reuniões do grupo em 2024. Juntas, as nações do G20 representam 85% da economia global. - Por g1 - 21/02/2024 00h01 Atualizado há 3 horas

A Trilha de Sherpas possui 15 grupos de trabalho e é supervisionada por emissários pessoais dos líderes do G20. Esses emissários acompanham as negociações entre os países, coordenam a maior parte dos trabalhos e discutem as principais pautas da agenda do grupo.

O nome "Sherpas" é uma referência à etnia dos xerpas, que vive no alto do Himalaia, no Nepal. Os xerpas ajudam a guiar alpinistas que desejam chegar ao topo do Monte Everest. No caso do G20, os "Sherpas" são os líderes de cada país.

Já a Trilha de Finanças trata de assuntos macroeconômicos e é comandada por membros dos ministérios da Economia e presidentes dos bancos centrais dos países que integram o bloco. A trilha tem sete grupos de trabalho.

Em meio à crise com Israel, Brasil recebe ministros das Relações Exteriores do G20 para discutir reforma da ONU  
Saiba mais

### **O que é o G20?**

O Grupo dos 20, ou G20, é uma organização que reúne ministros da Economia e presidentes dos bancos centrais de 19 países e de dois órgãos regionais, União Europeia e a União Africana.

Juntas, as nações do G20 representam cerca de 85% de toda a economia global, mais de 75% do comércio mundial e cerca de dois terços da população mundial.

O G20 conta com presidências rotativas anuais. O Brasil é o atual presidente do grupo,

tomou posse em 1º de dezembro de 2023 e fica no comando até 30 de novembro de 2024. Durante esse período, o país deve organizar 100 reuniões oficiais. A principal delas será a Cúpula do G20 do Brasil, programada para os dias 18 e 19 de novembro de 2024, no Rio de Janeiro.

Depois de cada Cúpula, o grupo publica um comunicado conjunto com conclusões, mas os países não têm obrigação de contemplá-las em suas legislações. Além disso, os encontros separados de autoridades de dois países são uma parte importante dos eventos.

O G20 é formado pelos seguintes países:

- África do Sul;
- Alemanha;
- Arábia Saudita;
- Argentina;
- Austrália;
- Brasil;
- Canadá;
- China;
- Coreia do Sul;
- Estados Unidos;
- França;
- Índia;
- Indonésia;
- Itália;
- Japão;
- México;
- Reino Unido;
- Rússia;
- Turquia;
- União Europeia;
- União Africana.

O G20 surgiu em 1999, após uma série de crises econômicas mundiais na década de 1990. A ideia era reunir os líderes para discutir os desafios globais econômicos, políticos e de saúde.

Naquele momento, falava-se muito em globalização e na importância de uma certa proximidade para poder resolver problemas. O G20 é, na verdade, uma criação do G7, que é o grupo de países democráticos e industrializados, composto por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido e União Europeia.

O primeiro encontro de líderes do G20 aconteceu em 2008. A cada ano, um dos 19 países-membros organiza o evento.

Debate no Rio

Durante o encontro desta semana, o Brasil submeterá três temas para discussão:

- Inclusão social e combate à fome;
- Transição energética e desenvolvimento sustentável;
- Reforma das instituições de governança global e organizações multilaterais.

Os temas seguem a pauta que o presidente Lula havia adiantado durante a cerimônia de encerramento da última Cúpula do G20, em Nova Délhi, na Índia, em setembro de 2023.

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Anthony Blinken, veio ao Brasil para o G20 e vai se encontrar com o presidente Lula.



---

## Editorial Cultural FM Torres RS – 19 fev. 24

As mulheres são de esquerda; os homens de direita

~~~~~\*

AO VIVO: WW - Edição de domingo - 18/02/2024 - YouTube

<https://www.youtube.com/watch?v=5Bc04uz-2II>

Mulheres votam na esquerda, homens na direita? <https://www.gazetadopovo.com.br> >

Ideias - Gazeta do Povo – Fernando Rodriguez-Borlado – 4 dez 23

Garotos de direita e meninas de esquerda. Por quê? - 6 de fev. de 2024 — Enquanto as jovens se identificam com causas progressistas, os meninos tendem à direita, a se opor ao feminismo e a votar mais em conservadores <https://www.terra.com.br> >

~~~~~\*

A afirmação acima – AS MULHERES SÃO DE ESQUERDA; OS HOMENS DE DIREITA - não é minha. Não teria elementos para afirmar isso. É do Cientista Político pernambucano Antonio Labareda, um dos principais analistas dos processos eleitorais no país. Fernando R. Borlado também sugeriu em artigo na Gazeta do Povo esta tese. Labareda já vinha sustentando esta ideia desde 2019 mas agora a registrou no seu livro “De Bolsonaro a Lula III” e ontem foi o convidado especial de William Waack na CNN Brasil no “Domingo Especial”, acima indicado, que recomendo.

lavareda\_antonio - fb

Mulher impede o avanço da extrema direita no mundo -

<https://www.instagram.com/p/CzETNUIucY3/?next=%2F%2B>

Estudo do El País (Espanha), dá mais um indício para artigo que escrevi em julho de 2020 - “Mulheres são de esquerda e homens são de direita” (Texto que fará parte do meu novo livro “De Bolsonaro a Lula III, Pesquisas, eleição, democracia e governabilidade”, com lançamento previsto para novembro). A análise do El País, comparou as 12 últimas eleições ao redor do mundo e constatou: o sufrágio feminino emergiu como uma barreira fundamental contra a extrema direita. Para o jornal, há um padrão que se repete nos países analisados: as mulheres votam menos que os homens em partidos e candidatos de extrema direita. O gráfico, em destaque no post, representa a intenção direta de voto nas pesquisas realizadas antes das eleições

Engana-se, porém, quem acredite que a inclinação à esquerda das mulheres tenha um caráter de compromisso ideológico com o socialismo, muito menos com uma Revolução para a tomada do poder pela esquerda. Elas, aliás, em geral odeiam a violência. Os fatores de inclinação das mulheres à esquerda têm a ver com a identificação delas com as Políticas Públicas voltadas à defesa da própria mulher, da família e das crianças defendidas por políticos mais à esquerda. Haveria uma afinidade afetiva com estas Políticas e que seria fortalecida pela maior propensão das mulheres ao encaminhamento dos conflitos pela tolerância e negociação. Dados demonstram, por exemplo, que são os homens os mais agressivos nas Redes no tocante a questões políticas. Basta ver, também, as estatísticas das ocorrências violentas e lá estão em franca maioria os bravos “machões”, sempre prontos a defender pela força suas

convicções, interesses ou o que consideram “sua honra”. Uns basbaques. De outra parte, com a tendência mundial dos conservadores se voltarem crescentemente ao extremismo de direita, à la Trump, Bolsonaro e Milei, enquanto a esquerda tende para ampliação de frentes democráticas de conciliação nacional, as mulheres se afastam da direita e se inclinam, sempre depois de grande avaliação das propostas, à esquerda. Não votou, por exemplo em Lula nas primeiras eleições, quando ele perdeu, mas teria votado no “Lulinha Paz e Amor” em 2002. Não votou em Dilma em 2010, preferindo Serra que, aparentemente, se oferecia como mais conciliador e bom gestor do sistema de saúde no país, mas a preferiu em 2014, diante da agressividade de Aécio Neves. Labareda sugere, inclusive que se associe à análise sociológica da Política elementos da biologia e da neurociência que colocam em disputa o masculino e o feminino, testosterona versus citocina, com vantagens à civilização desta última. Por fim, mas não menos importante, o número de eleitoras no Brasil, por exemplo, é seis milhões maior que o de eleitores, conferindo às mulheres um papel decisivo na quebra da polaridade Lula x Bolsonaro strictu sensu e avanço de um modelo de estabilização política fundado na reflexão pelo bem estar da sociedade.

#### Anexo

#### O PESO DA LEI CONTRA OS GOLPISTAS.

Milton Saldanha osdtpnoeSut u63:430miã5i0ttei r5t270du81f528o vse5t metfr7ea11 •

Gente, vivi o golpe de 1964 em detalhes, e na experiência: morava em Santa Maria (RS) e tive que me esconder em Porto Alegre, por riscos de prisão. Era estudante, militava na política estudantil, e começava no jornalismo, em "A Cidade", um semanário assumidamente de esquerda, que apoiava o presidente Jango e Leonel Brizola, os dois nomes mais odiados pelos golpistas.

Ver o Brasil sair de ampla liberdade para se fechar num regime de força, que não respeitava leis, não respeitava nada, tudo podia, nos abateu profundamente.

O golpe não tinha projeto. Governaram no improvisado. Foi um tremendo fracasso, e só durou 21 anos porque usava a força para se impor. Eles vinham tentando implantar a ditadura desde 1954, governo Vargas, com sucessivas derrotas. Quando finalmente chegaram lá roubaram como nunca, para descontar o atraso. Com a imprensa censurada, os escândalos não podiam ser denunciados. Os jornais que tentaram sofreram duras represálias, incluindo prisões e pressões sobre anunciantes, para provocar a falência. Isso tudo foi apenas um detalhe. A ditadura foi um regime de terror permanente, com torturas e assassinatos de opositores, que lutavam por democracia e direito de votar. Ao ver o vídeo em que Bolsonaro conspira com um grupo civil-militar para reimplantar uma ditadura no Brasil, 1964 me voltou à cabeça, com todos os seus horrores. E todas as profundas frustrações em que mergulhamos naqueles anos, sem saber quando e como terminaria.

Se um Brasil democrático com Bolsonaro já foi um desgoverno total, marcado pela inoperância, desmonte e desmoralização das instituições, fica impossível imaginar o que seria com o ex-capitão ditador. Uma pessoa má e fria, com características claras de psicopata, até no modo de falar, sem o menor pudor para elogiar torturadores.

As provas do golpe que só não consumaram por incompetência e falta de apoio são fartas e inquestionáveis. Tão incompetentes, que gravam e documentam uma conspiração. Para sorte do Brasil, que hoje sabe disso. E graças a um STF que não se acovarda, apesar de todas as calúnias e ameaças que sofreu.

Não se brinca com um país. Ainda mais carente como é o nosso, precisando de energias e concentração na busca por soluções sociais.

Esses aventureiros irresponsáveis precisam conhecer o peso da lei e da legalidade constitucional. Para que se convençam de uma vez por todas que o Brasil não suporta mais um regime de força opressor. Isso tem que ficar no passado, de triste lembrança.

Milton Saldanha, 78, jornalista aposentado.

As mulheres são de esquerda; os homens de direita

---

### **Editorial Cultural FM Torres RS – 16 fev. 24**

O que querem, afinal, Bolsonaro e seus seguidores?

\*\*~~~~\*\*~~~~

ABC do GOLPE EM ANDAMENTO. ~

<https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2024/01/26/modo-de-ser-do-golpe-um-ano-depois-e-articular-a-impunidade-de-golpistas.htm>

Bolsonarismo sob cerco: investigações do oito de janeiro e o futuro da direita radical  
<https://red.org.br/noticia/bolsonarismo-sob-cerco-investigacoes-do-oito-de-janeiro-e-o-futuro-da-direita-radical/>

\*\*~~~~\*\*~~~~

O Assunto g1 dia 16 fevereiro 24

A enrascada jurídica do plano golpista

<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2024/02/16/o-assunto-1151-a-enrascada-juridica-do-plano-golpista.ghtml>

O vídeo da reunião entre Jair Bolsonaro, ministros e integrantes da alta cúpula das Forças Armadas foi citado pelo ministro do STF Alexandre de Moraes como parte das condutas criminosas do ex-presidente para atentar contra a democracia e tentar dar um golpe. Neste Assunto a 3, Natuza Nery recebe os advogados criminalistas e professores

Davi Tangerino (UERJ) e Frederico Horta (UFMG). Juntos, eles debatem quais as implicações jurídicas da reunião - analisando se o encontro se classifica como “conspiração” e “ato preparatório”, se ali já havia materialidade de crime, e quando as práticas criminosas começam. E discutem possíveis mudanças na lei para aprimorar medidas de controle e proteção do Estado Democrático de Direito.

\*\*~~~~\*\*~~~~

Estamos em 2024 e já se sente um certo arrefecimento na forte polarização ideológica que acompanhou o processo eleitoral em 2022. Mas a ferida do 8 de janeiro, como vértice da intolerância de fanáticos seguidores de Bolsonaro, com ou sem sua autorização explícita mas inequívoca incitação, ainda pulsa diante das investigações da

Polícia Federal sobre aqueles acontecimentos. Daqui a algumas semanas estas investigações se encerrarão e tudo indica que demonstrarão que o episódio do 8 de janeiro de 22 se inseriu numa cadeia conspiratória contra o resultado das urnas que, se por um lado elegeu Lula para um terceiro mandato, por outro, consagrou a vitória da Oposição nos grandes Estados da Federação – SP, RJ, PE, PR, MG e RS- , além de franca maioria na Câmara dos Deputados e Senado. Isso, por si mesmo, prova que as urnas eletrônicas são seguras, pois beneficiaram tanto uns como outros, e que toda a retórica da manipulação é pura narrativa para negar o direito de Lula e o PT voltarem ao poder. Trata-se, agora, de indagar se Bolsonaro pode responder por tentativa de golpe, que tanto ele, quanto seus auxiliares próximos negam, apesar da evidência de provas.

Completa a indagação a letra da Lei que condena, sim, a tentativa de golpe às

instituições por meio da violência. Seria o caso de lembrar a Inconfidência Mineira que conspirou pela Independência do Brasil mas que foi sufocada no nascedouro, levando seu maior líder ao esquartejamento. A Justiça se debruçará, certamente, sobre a investigação da PF sobre o 8 de janeiro e procurará mostrar que não só houve tentativa de golpe como ela provocou a violência daquele dia jan/8 na esperança de gerar o caos que colocaria as tropas na rua. Isso, porém, prolongará o clima de tensão e polarização ideológica no país, incendiando o processo eleitoral deste ano. A convocação por Bolsonaro de uma manifestação popular no dia 25 próximo em São Paulo, com apoio do líder evangélico Malafaia e do Governador de São Paulo preocupa não só o Governo, mas toda a sociedade. Um Editorial do conservador O ESTADO DE SÃO PAULO a considera um verdadeiro “escárnio” do ex presidente, acossado pela possibilidade de ser, enfim, acusado judicialmente, com alto risco de condenação como cabeça da tentativa de golpe. Ele, porém, e seus seguidores mais fiéis não esmorecem. Continuam alimentando falsas expectativas de ruptura institucional como se o processo político nacional já não estivesse encerrado. Como se fosse possível, a essas alturas dos acontecimentos o retorno mágico de Bolsonaro ao Planalto. Tudo muito irreal, mas com potencial de minar a confiança nas instituições. Será que pretendem refazer a “Marcha sobre Roma” de Mussolini, ou reeditar, depois de 60 anos, a “Marcha com Deus pela Família e Propriedade” da TFP que levou ao golpe de 1964? O que querem, enfim, Bolsonaro e seus seguidores que tanto falam em liberdade e pouco fazem para a defesa do principal instrumento de suas garantias que é a própria Lei Magna, duramente conquistada depois de 21 anos de autoritarismo?

\*~\*~\*~\*~\*~\*~\*~\*~\*~\*

Mauro Santayana: O Manual do Golpe de Estado

<https://www.cut.org.br/noticias/mauro-santayana-o-manual-do-golpe-de-estado-4035>  
No Brasil, alerta, golpes foram orientados pelos EUA e contaram com a participação ativa da mídia

Publicado: 19 Dezembro, 2012 - 12h16

Escrito por: Blog do Mauro Santayana

Cúrzio Malaparte escreveu, em 1931, seu livro político mais importante, Técnica del colpo di Stato: envenenamento da opinião pública, organização de quadros, atos de provocação, terrorismo e intimidação, e, por fim, a conquista do poder. Malaparte escreveu sua obra quando os Estados Unidos ainda não haviam aprimorado os seus serviços especiais, como o FBI - fundado sete anos antes - nem criado a CIA, em 1947. De lá para cá, as coisas mudaram, e muito. Já há, no Brasil, elementos para a redação de um atualizado Manual do Golpe.

Quando o golpe parte de quem ocupa o governo, o rito é diferente de quando o golpe se desfecha contra o governo. Nos dois casos, a ação liberticida é sempre justificada como legítima defesa: contra um governo arbitrário (ou corrupto, como é mais frequente), ou do governo contra os inimigos da pátria. Em nosso caso, e de nossos vizinhos, todos os golpes contra o governo associaram as denúncias de ligações externas (com os países comunistas) às de corrupção interna.

Desde a destituição de Getúlio, em 29 de outubro de 1945, todos os golpes, no Brasil, foram orientados pelos norte-americanos, e contaram com a participação ativa de grandes jornais e emissoras de rádio. A partir da renúncia de Jânio, em 1961, a televisão passou também a ser usada. Para desfechá-los, sempre se valeram das forças armadas. Foi assim quando Vargas já havia convocado as eleições de 2 de dezembro de 1945 para uma assembleia nacional constituinte e a sua própria sucessão. Vargas, como se sabe, apoiou a candidatura do marechal Dutra, do PSD, contra Eduardo Gomes, da UDN.

Mesmo deposto, Vargas foi o maior vitorioso daquele pleito.

Em 1954, eleito pelo povo Vargas venceu-os, ao matar-se. Não obstante isso, uma vez eleito Juscelino, eles voltaram à carga, a fim de lhe impedir a posse. A posição de uma parte ponderável das Forças Armadas, sob o comando do general Lott, liquidou-os com o contragolpe fulminante. Em 1964, contra Jango, foram vitoriosos.

A penetração das ONGs no Norte do Brasil, e a campanha de coleta de assinaturas entre a população dos 7 Grandes - orientada, também, pelo Departamento de Estado, que financiava muitas delas – para que a Amazônia fosse internacionalizada, reacenderam os brios nacionalistas das Forças Armadas. Assim, os norte-americanos decidiram não mais fomentar os golpes de estado cooptando os militares, porque eles passaram a ser inconfiáveis para eles, e não só no Brasil.

Washington optou hoje pelos golpes brancos, com apoio no Parlamento e no Poder Judiciário, como ocorreu em Honduras e no Paraguai. Articula-se a mesma técnica no Brasil. Nesse processo, a crise institucional que fomentam, entre o Supremo e o Congresso, poderá servir a seu objetivo – se os democratas dos Três Poderes se omitirem e os patriotas capitularem.

Eleição de Bukele em El Salvador envia recados à AL

Valor Econômico - [https://gilvanmelo.blogspot.com/2024/02/o-que-midia-pensa-editoriais-](https://gilvanmelo.blogspot.com/2024/02/o-que-midia-pensa-editoriais-opinioes_15.html?fbclid=IwAR30SXYEKJ9bUxVHfdjd9LaQyDbthJgUoDoJ6lcbQiPdiw8TUG-OTXY6g2o)

[opinioes\\_15.html?fbclid=IwAR30SXYEKJ9bUxVHfdjd9LaQyDbthJgUoDoJ6lcbQiPdiw8TUG-OTXY6g2o](https://gilvanmelo.blogspot.com/2024/02/o-que-midia-pensa-editoriais-opinioes_15.html?fbclid=IwAR30SXYEKJ9bUxVHfdjd9LaQyDbthJgUoDoJ6lcbQiPdiw8TUG-OTXY6g2o)

Sucesso eleitoral de Bukele sugere que, levada ao extremo da violência, população optou pela segurança em detrimento do Estado de direito e talvez até da democracia

El Salvador é um pequeno país da América Central e raramente se sobressai no noticiário internacional. Mas a reeleição do populista Nayib Bukele como presidente envia alguns recados importantes ao restante da América Latina. Bukele obteve um segundo mandato com incríveis 85% dos votos na contagem preliminar. Mais impressionante ainda, o seu partido, o Novas Ideias, pode ficar com 58 das 60 cadeiras na Assembleia Legislativa, ou seja, a quase totalidade do Congresso unicameral salvadorenho.

Esse sucesso é fruto do polêmico programa de combate à criminalidade de Bukele, que reduziu a taxa de homicídios no país de 107 por 100 mil habitantes em 2015, uma das altas do mundo, para 7,8 no ano passado, uma das mais baixas da América Latina. A oposição contesta o dado oficial, mas o triunfo eleitoral esmagador certamente indica que a população percebe uma melhora significativa na segurança pública.

O problema é que a redução da criminalidade foi feita por meio de uma política fortemente repressiva combinada a um estado de exceção. Segundo a ONG Anistia Internacional, houve milhares de detenções arbitrárias, sem acusação formal e sem a instauração do devido processo legal, uso sistemático de tortura e violação de direitos civis e humanos em larga escala. As detenções em massa, que obrigaram a construção de novos grandes presídios, fizeram o país ter hoje a mais alta taxa do mundo de pessoas presas em relação à população, superando 1,1%. É como se o Brasil tivesse mais de 2,3 milhões de presos, e não os cerca de 650 mil atuais.

O descaso legal não se limitou à segurança. A Constituição salvadorenha não permite a reeleição, mas Bukele obteve uma decisão da Corte Constitucional, cuja maioria ele controla, pela qual poderia se recandidatar desde que se licenciasse do cargo seis meses antes. Mas o sucesso eleitoral de Bukele sugere que, levada ao extremo da violência, a população do país optou pela segurança em detrimento do Estado de direito e talvez até da democracia. Esse é um risco muito grave que pesa sobre toda a América Latina, de longe a região mais violenta do mundo.

É fundamental que os governos da região melhorem o combate à criminalidade, sob risco de surgirem outros Bukeles - o original já se descreveu, de modo supostamente irônico, como “o ditador mais ‘cool’ do mundo”. Já há sinais de que isso está acontecendo. Em Honduras, o governo vem usando medidas de estado de emergência para combater o crime organizado. Há forte pressão no Peru e no Equador para que garantias constitucionais sejam suspensas para enfrentar a criminalidade. Javier Milei parece ter captado essa onda com propostas de ampliar a repressão à violência (e aos protestos) na Argentina.

A inevitabilidade da pena, isto é, a percepção de que você tem uma grande chance de ser pego e condenado se cometer um crime, constitui um dos principais fatores de inibição da criminalidade. Países pouco violentos costumam ser aqueles que, num prazo razoável, identificam, processam e julgam os acusados. A sensação de que a Justiça tarda ou de que é provável evadi-la estimula o crime. O que Bukele fez foi gerar, de modo arbitrário, essa sensação da punição. Sua polícia prendeu dezenas de milhares de suspeitos sem investigação adequada, e o Judiciário salvadorenho permite que essas pessoas fiquem detidas indefinidamente, em condições degradantes, sem o devido processo legal. O recado ao cidadão foi: ande na linha ou prendemos você quando e como quisermos. Isso é característico de um regime autoritário.

A violência e a criminalidade são fenômenos complexos, com uma multitude de causas, e exigem um leque amplo de respostas por parte do Estado, que vão da repressão a políticas sociais, de educação e de saúde. A oposição em El Salvador diz que o plano de Bukele não é sustentável no longo prazo, pois, entre outros problemas, tem um custo muito elevado, não propõe alternativas a uma parte da população seduzida pelo crime e gera milhares de famílias desestruturadas, o que semeia pobreza e violência no futuro. Mas, ainda que a repressão não seja a resposta única, em muitos países da região há uma pressão popular para que mais (e melhores) ações policiais e judiciais sejam adotadas, que proporcionem algum alívio de curto prazo ao problema da segurança, já que políticas sociais tendem a funcionar mais em médio e longo prazos. Nesse caso, é importante que essas medidas sejam aprovadas e executadas dentro do marco legal. Para quem apoia a linha-dura arbitrária de Bukele, inclusive parte do meio empresarial local, há uma má notícia. A economia de El Salvador, parcialmente dolarizada, é a que menos cresce na América Central e não digeriu a criticada adoção do bitcoin como meio de pagamento corrente. Há uma crise nas finanças públicas. Certamente há fatores conjunturais por trás desse mau desempenho, mas é muito provável que o mesmo comportamento arbitrário esteja afastando o capital. Afinal, um governo que ignorou a Constituição para prender pessoas sem amparo legal e para poder se reeleger pode ignorá-la em qualquer situação. E, como é amplamente sabido, incertezas e insegurança jurídica são fortes inibidores de investimento privado.

A violência é um dos principais fatores que inibem o desenvolvimento econômico da América Latina, como já constatou até o Fundo Monetário Internacional. Mas o combate a essa violência, ainda que duro, não pode escapar ao Estado de direito. Essa tarefa é difícil, mas possível.

A semântica do golpe- Pode-se discutir se Bolsonaro de fato tentou um golpe, se apenas o preparou ou se só o acalentou, mas é indiscutível que a ruptura democrática sempre esteve no horizonte bolsonarista

O Estado de S. Paulo Editorial 15 fev 2024-

[https://gilvanmelo.blogspot.com/2024/02/o-que-midia-pensa-editoriais-opinioes\\_15.html?fbclid=IwAR30SXYEKJ9bUxVHfdjd9LaQyDbthJgUoDoJ6lcbQiPdiw8TUG-OTXY6g2o](https://gilvanmelo.blogspot.com/2024/02/o-que-midia-pensa-editoriais-opinioes_15.html?fbclid=IwAR30SXYEKJ9bUxVHfdjd9LaQyDbthJgUoDoJ6lcbQiPdiw8TUG-OTXY6g2o)

Parece haver controvérsia semântica em relação à tipificação dos crimes de que o então

presidente Jair Bolsonaro e alguns de seus auxiliares são suspeitos em razão da investigação da Polícia Federal sobre um suposto complô para subverter o resultado da eleição presidencial de 2022. Há quem diga que se trata de “tentativa” de golpe de Estado, o que acarretaria duras penas aos envolvidos, e há quem sustente que não houve “tentativa”, apenas conversas e etapas preparatórias, o que não configuraria crime à luz do diploma legal que trata do assunto, a Lei n.º 14.197/2021.

Nunca é demais salientar a importância da correta tipificação das acusações que provavelmente serão feitas contra Bolsonaro e os demais implicados no caso. Contudo, seja qual for a terminologia jurídica que se use no processo, o fato incontestável é que, a julgar pelo que veio à luz até agora, havia notável ânimo golpista no governo passado.

Não se trata de opinião. É um fato – sobre o qual qualquer eventual controvérsia será desde logo falsa, motivada pelo cinismo habitual de quem explora as garantias constitucionais para defender projetos liberticidas de poder.

Nada disso, aliás, surpreende. Ao longo de mais de três décadas de vida pública, jamais houve por parte de Bolsonaro uma só demonstração de apreço sincero pela ordem constitucional vigente, por mais encabulada que fosse. Muito pelo contrário.

Bolsonaro é um golpista de corpo e alma. O mau militar, que deixou o Exército em desonra em 1988, nunca fez as pazes com a redemocratização do País. Desde então, Bolsonaro apenas passou a se servir da política como mero instrumento para continuar fazendo o que fora impedido de fazer nos quartéis: insuflar a baderna, tratar adversários como inimigos e usar a truculência para impor uma agenda – além, é claro, de enriquecer a família.

Por isso, é um escárnio Jair Bolsonaro convocar um “ato pacífico” na Avenida Paulista, previsto para o próximo dia 25, “em defesa do nosso Estado Democrático de Direito” – o mesmo que ele desejava abolir e o mesmo que ele gostaria de ver negado a seus adversários, como deixou claro nas reiteradas vezes em que defendeu até o fuzilamento de quem se lhe opusesse.

O vezo golpista de Bolsonaro fica transparente até mesmo nesse simulacro de defesa do Estado Democrático de Direito. A tal manifestação não se presta a defender coisa alguma a não ser o próprio Bolsonaro. O objetivo do ato é tão escancarado que nem o ex-presidente tergiversou. “Mais do que discursos, (o importante é) uma fotografia de todos vocês (...) para mostrar para o Brasil e para o mundo a nossa união”, disse Bolsonaro em vídeo divulgado por suas redes sociais. Ora, o que é isso senão uma tentativa – mais uma – de estimular a hostilidade de parte da sociedade contra o STF, que no futuro próximo haverá de julgá-lo?

No momento mais grave de toda a sua trajetória pública, Bolsonaro recorre às massas, por assim dizer, como forma de intimidação das autoridades incumbidas de investigar e julgar sua responsabilidade pela tentativa de golpe de Estado. Sob essa lógica truculenta, quanto mais gente na Avenida Paulista, mais receosas ficariam as autoridades, em particular os ministros do STF, em punir Bolsonaro. Portanto, está-se diante de mais um ato de insubmissão do ex-presidente ao mesmo Estado Democrático de Direito – que tem no devido processo legal um de seus pilares mais sólidos – que ora ele diz querer defender.

A rigor, no último domingo de fevereiro pode haver poucas dezenas de apoiadores em frente ao Masp ou dez quarteirões da Avenida Paulista ocupados por bolsonaristas. As instituições não podem usar a eventual baixa adesão ao ato para acelerar punições, tampouco se curvar às multidões. No regime republicano, impera a lei. E as autoridades devem se ater ao seu estrito cumprimento.

No mais, enquanto os juristas se entregam à discussão sobre as vírgulas das acusações

contra Bolsonaro, não há dúvida de que, no julgamento moral, o ex-presidente já foi condenado há muito tempo.

---

## Editorial Cultural FM Torres RS –

### O que querem, afinal, Bolsonaro e seus seguidores?

Estamos em 2024 e já se sente um certo arrefecimento na forte polarização ideológica que acompanhou o processo eleitoral em 2022. Mas a ferida do 8 de janeiro, como vértice da intolerância de fanáticos seguidores de Bolsonaro, com ou sem sua autorização explícita mas inequívoca incitação, ainda pulsa diante das investigações da Polícia Federal sobre aqueles acontecimentos. Daqui a algumas semanas estas investigações se encerrarão e tudo indica que demonstrarão que o episódio do 8 de janeiro de 22 se inseriu numa cadeia conspiratória contra o resultado das urnas que, se por um lado elegeu Lula para um terceiro mandato, por outro, consagrou a vitória da Oposição nos grandes Estados da Federação – SP, RJ, PE, PR, MG e RS- , além de franca maioria na Câmara dos Deputados e Senado. Isso, por si mesmo, prova que as urnas eletrônicas são seguras, pois beneficiaram tanto uns como outros, e que toda a retórica da manipulação é pura narrativa para negar o direito de Lula e o PT voltarem ao poder. Trata-se, agora, de indagar se Bolsonaro pode responder por tentativa de golpe, que tanto ele, quanto seus auxiliares próximos negam, apesar da evidência de provas.

Completa a indagação a letra da Lei que condena, sim, a tentativa de golpe às instituições por meio da violência. Seria o caso de lembrar a Incofidência Mineira que conspirou pela Independência do Brasil mas que foi sufocada no nascedouro, levando seu maior líder ao esartejamento. A Justiça se debruçará, certamente, sobre a investigação da PF sobre o 8 de janeiro e procurará mostrar que não só houve tentativa de golpe como ela provocou a violência daquele dia jan/8 na esperança de gerar o caos que colocaria as tropas na rua. Isso, porém, prolongará o clima de tensão e polarização ideológica no país, incendiando o processo eleitoral deste ano. A convocação por Bolsonaro de uma manifestação popular no dia 25 próximo em São Paulo, com apoio do líder evangélico Malafaia e do Governador de São Paulo preocupa não só o Governo, mas toda a sociedade. Um Editorial do conservador O ESTADO DE SÃO PAULO a considera um verdadeiro “escárnio” do ex presidente , acossado pela possibilidade de ser, enfim, acusado judicialmente, com alto risco de condenação como cabeça da tentativa de golpe. Ele, porém, e seus seguidores mais fiéis não esmorecem. Continuam alimentando falsas expectativas de ruptura institucional como se o processo político nacional já não estivesse encerrado. Como se fosse possível, a essas alturas dos acontecimentos o retorno mágico de Bolsonaro ao Planalto. Tudo muito irreal, mas com potencial de minar a confiança nas instituições. Será que pretendem refazer a “Marcha sobre Roma” de Mussolini, ou reeditar, depois de 60 anos, a “Marcha com Deus pela Família e Propriedade” da TFP que levou ao golpe de 1964? O que querem, enfim, Bolsonaro e seus seguidores que tanto falam em liberdade e pouco fazem para a defesa do principal instrumento de suas garantias que é a própria Lei Magna, duramente conquistada depois de 21 anos de autoritarismo?



## Editorial Cultural FM Torres RS – 14 fev. 24

Torres abre ano educacional. Hora de se discutir mais sobre o assunto  
A Prefeitura de Torres recebeu, ontem, na ULBRA, 600 profissionais da educação no município, abrindo o ano letivo de 2024. Foram-se as férias, foi-se o carnaval, que deixarão indelévels memórias na meninada, agora é hora de voltar às aulas. A data é uma oportunidade para se refletir sobre a importância da educação para o desenvolvimento não só das crianças, como para o desenvolvimento socioeconômico em geral. Antigamente se discutia se seria a Educação que favorecia este desenvolvimento ou vice-versa. Paradoxalmente, há casos, como o dos países asiáticos, nos quais a educação foi vetor estratégico do desenvolvimento, outros, como Argentina, onde o alto nível educacional de sua população de nada serviu ao desenvolvimento nacional. Hoje, 40% dos argentinos vive em situação de pobreza e os indicadores para este ano são ainda mais alarmante.

A Secretaria Municipal de Educação é responsável pela Rede Municipal de Ensino de Torres, que é composta por 9 Escolas de Educação Infantil e 8 Escolas de Ensino Fundamental. Juntas, as unidades atendem mais de 4 mil alunos, com 520 profissionais, entre professores, especialistas, monitores, auxiliares de creche, motoristas, agentes administrativos, e serviços gerais e merendeiras. A esta rede municipal somam-se as Escolas Estaduais e Privadas, compondo todo o universo escolar na cidade, num total de alunos perto de 10 mil alunos, fora os que estão matriculados no curso superior, hoje extensivo a um amplo conjunto de Universidades e Centros Universitários que oferecem inúmeras alternativas EAD.

Escolas em Torres  
28 28 com educação infantil  
20 20 com ensino fundamental  
5 5 com ensino médio  
10 10 escolas estaduais  
17 17 escolas municipais, sendo 9 ed.infantil e 8 ensino fund.  
11 11 escolas particulares  
IDEB 2019 em Torres

Torres BR RS IDEB Brasil  
Ensino Fundamental - anos iniciais 6,2 5,8 5,7  
Ensino Fundamental - anos finais 4,7 4,5 4,6  
Ensino Médio 4,3 4,0 3,9

\* Rede pública

Fonte dos dados: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) - INEP, acesso em 15/02/2022 | Comparação: [estadosecidades.com.br](http://estadosecidades.com.br)

Um dos grandes problemas que temos para conhecer e avaliar melhor a questão educacional, tanto em Torres como em qualquer outro município é a divisão entre Ensino Fundamental, a cargo das Secretarias Municipais de Educação e o Ensino

Médio, sob responsabilidade do Governo do Estado. O ideal seria que as Secretarias Municipais acompanhassem não só o funcionamento e desempenho de suas próprias escolas, mas o conjunto da rede escolar atuante na cidade, oferecendo à cidadania informações atualizadas e precisas sobre suas dimensões, desempenho escolar, sobretudo dados sobre o IDEB, e projeções. Por que não, por exemplo, a exigência de que à abertura de cada ano letivo o Poder Executivo Municipal apresentasse uma LEI ESCOLAR com metas a serem alcançadas? Um dos pontos vulneráveis, por exemplo, do sistema é a evasão escolar, que cresce e se transforma em problema social quando os jovens chegam à adolescência. Filhos das famílias mais pobres, maioria, eles escapam da Escola em busca de emprego e acabam comprometendo sua formação. Ao final NEM NEM: nem escola, nem emprego. Esta faixa etária, entretanto, já está no ciclo médio, sob a responsabilidade do Estado, foram do âmbito específico da Secretaria Municipal de Educação. O próprio Programa Federal de apoio a estes jovens, recentemente aprovado, não tem nestas Secretaria um elo de avaliação e controle. Outras questões acompanham a avaliação da REDE ESCOLAR no Município, dentre elas a situação das Escolas Estaduais. Informações recentes divulgadas pelo próprio Governo do RS demonstra que 96% destas Escolas no Estado estão necessitadas de reformas, muitas sem condições de funcionamento. Qual, então, a situação delas aqui em Torres? Um importante informe da COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA, DESPORTO E CIENCIA E TECNOLOGIA da Assembleia Legislativa do RS, presidida pela dep. Sofia Cavedon (PT), acaba de vir a público com informações importantes sobre a evolução da educação no Estado, lamentavelmente crítica. Nossos cumprimentos à nobre parlamentar e seus pares. Vale, aliás, a realização de um Simpósio para a melhor discussão da comunidade sobre esta situação, como também de identificação e promoção das Recomendações ali feitas aos órgãos públicos. Solenidades como a de ontem, de abertura do Ano Escolar em Torres, são naturalmente importantes, mas aprofundar o entendimento e o compromisso recíproco entre Governo e Sociedade, com maior relevo do Conselho Municipal de Educação neste processo, na questão educacional é um desafio indispensável à construção democrática.

~~~\*\*~~~\*\*~~~

QEdu : <https://qedu.org.br/municipio/4321501-torres>

Dados Educacionais de Torres | QEdu: Use dados.

WebEncontre de forma rápida e fácil, dados educacionais do Censo Escolar, da Prova Brasil, Enem e do Ideb para cada escola de Torres

~~~\*\*~~~\*\*~~~

Pesquisa do IBGE revela o tamanho da desigualdade que a educação brasileira ainda enfrenta. A Pnad Educação, feita uma vez por ano, traça um panorama do sistema de ensino no Brasil. Segundo o levantamento, pela primeira vez, mais da metade da população brasileira de 25 anos ou mais terminou o ensino médio.

Por Jornal Nacional 07/06/2023 20h41 Atualizado há 8 meses

Pesquisa do IBGE revela o tamanho da desigualdade que a educação brasileira ainda enfrenta

O IBGE divulgou nesta quarta-feira (7) um quadro das desigualdades na educação.

Escrever o próprio nome corretamente é a primeira vitória do pintor e estudante Raimundo da Silva. Ele nasceu na Paraíba e, na época, o estudo não era prioridade na família de vida tão difícil.

“Com 10 anos, eu parei porque tinha que trabalhar. Vendia tapioca, cocada, essas coisas assim, e vendia”, conta.

Agora, aos 53 anos, ele voltou para a escola.

A dificuldade que tirou Raimundo da sala de aula ainda existe Brasil afora. Em 2022, 40% dos jovens deixaram o estudo por necessidade de trabalhar. Esse dado faz parte da Pnad Educação, que traça um panorama do sistema de ensino no país.

A pesquisa do IBGE traz boas notícias. Pela primeira vez, mais da metade da população brasileira acima de 25 anos terminou a educação básica, ou seja, concluiu o ensino médio. O analfabetismo caiu de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022.

Mas há um problema que ainda grita nas salas de aula do Brasil: a desigualdade. Entre os brasileiros pretos e pardos, 7,4% são analfabetos, mais que o dobro da população branca.

O abandono escolar também é um sintoma da desigualdade. Sete em cada 10 jovens que não completaram o ensino médio são pretos ou pardos.

“Nós temos que ir mais rápido, nós temos que pensar grande, porque senão é mentira que estamos construindo igualdade de oportunidade. Não se constrói um desenvolvimento inclusivo sem todos estarem na escola com chances de aprender”, afirma Claudia Costin, especialista em educação e presidente do Instituto Singularidades.

A estudante Camila Santos está escrevendo uma nova história. Ela se forma em 2023 em engenharia de produção. Será a primeira da família a ter curso superior.

“Eu acredito e sigo este caminho e tento incentivar, inspirar, e motivar quem está comigo também, principalmente a minha família”, diz Camila.

A mãe dela, a diarista Ângela Maria, foi a primeira a se inspirar. Aos 48 anos, acaba de concluir o ensino médio.

~~~\*\*~~~\*\*~~~

Quase 96% das escolas estaduais do RS apresentam algum problema estrutural, segundo governo | Rio Grande do Sul | G1 (globo.com)

Governo do RS vai disponibilizar R\$ 30 milhões para recuperação das escolas estaduais
Um levantamento do governo do Rio Grande do Sul divulgado nesta quinta-feira (16) mostra que 95,7% das 2.311 escolas estaduais gaúchas têm algum problema estrutural. Diante desse cenário, foi anunciado um aporte de R\$ 30 milhões para obras e reparos. A maioria dos colégios apresenta riscos "intermediários", conforme o governo, onde há necessidades graves e complementares, como obras paralisadas e problemas elétricos hidráulicos. Há 176 escolas em situação "urgente", com risco de interferência do uso dos espaços e com possível impacto no início das aulas.

Governo propõe reajuste de 9,45% sobre piso de professores

Escolas em situação "complementar" têm necessidades de baixa complexidade, como manutenção de piso de quadra de esportes, calçadas e reparos em portas e janelas. Além disso, há 99 colégios sem necessidades relatadas.

O governo afirma que os R\$ 30 milhões serão divididos em R\$ 27 milhões, distribuídos entre todas as escolas (incluindo outras 59 prisionais e militares), e R\$ 3 milhões, especificamente para as 176 escolas classificadas em situação de urgência.

Tipos de problemas

Dos 176 colégios em situação de urgência, dois deles estão interditados. São as escolas Castro Alves, em São Jerônimo, e José Joaquim de Andrade, em Barão do Triunfo.

Em 56 instituições, falta água; em 36 delas, não há banheiros. Há falta de cozinhas operando em 36 escolas, além de 79 que não têm refeitórios.

Nas mais de 2,3 mil escolas, os principais problemas são:

Infiltrações/Goteiras: 1.090

Estrutura: 990

Elétrica: 970

Muro e cercamento: 910

Banheiros: 810
Calçada: 810
Portas/Janelas: 790
Quadra de esportes: 740
Cozinha/Refeitório: 710
Telhado: 630
Esgoto: 410
Falta d'água: 130
Pintura: 60
Acessibilidade: 50
Ampliação: 50
Pátio: 40

O que dizem as autoridades

O governador Eduardo Leite (PSDB) justificou a demora na identificação dos problemas às finanças do estado e à pandemia de Covid-19.

"A história não começa hoje. Tínhamos um estado com profundas dificuldades fiscais, que não pagava as contas, atrasava salários e fornecedores e que, por isso, tinha muita dificuldade de planejar investimentos. E no meio disso ainda enfrentamos os desafios de uma pandemia", afirma.

Para colocar em andamento o projeto, foi criada uma Subsecretaria de Obras da Educação dentro da Secretaria de Obras Públicas.

"Essa sala será muito importante, pois não estaremos trabalhando com equipes separadas. Neste local, as equipes técnicas trabalharão em conjunto para que os processos cheguem às coordenadorias, o que agilizará muito o trabalho", diz secretária de Obras, Izabel Matte.

A presidente da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa, deputada Sofia Cavedon (PT), monitora a situação dos colégios. Ela afirma que anteriormente o governo já havia identificado escolas com problemas estruturais, sem resolver essas questões.

"Retrabalho, reorçamentação, reavaliação dos danos por tempo de demora de medidas, longos prazos burocráticos e falta de profissionais são evidências que já apontamos várias vezes e que explicam o desastre", comenta.

Helenir Schürer, presidente do CPERS Sindicato, entidade que representa trabalhadores da rede estadual, cobra agilidade do governo nas obras.

"Nós esperamos que realmente aconteça, porque nós temos muita propaganda de muito investimento nas escolas, que tudo vai ser uma maravilha. Só que, quando a gente chega na escola, nada aconteceu", protesta.

Editorial Cultural FM Torres RS – 14 fev. 24

OS MILITARES E O PODER

~*****~

O espectro do autoritarismo nos assombra

Lewandowski - <https://www.cartacapital.com.br/politica/8-de-janeiro-agentes-do-caos-seguem-ativos-e-espectro-do-autoritarismo-nos-assombra-diz-lewandowski/>
8 de janeiro não foi um picnic

<https://www.brasil247.com/blog/relatorio-fruto-das-investigacoes-comprovam-8-de-janeiro-nao-foi-um-piquenique>

Celso Rocha de Barros - Bolsonaroistas organizaram levante contra chefe do Exército. General Freire Gomes teria se recusado a participar de golpe com Bolsonaro - Folha de S. Paulo

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../celso-rocha-de-barros...>

ENTREVISTA | Geraldo Alckmin: 'Foi vergonha nacional, mas houve resposta firme a favor da democracia'

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../entrevista-geraldo...>

Merval Pereira - Quem planejou?

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../merval-pereira-quem...>

Míriam Leitão - História do golpe e do contragolpe

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../miriam-leitao...>

Eliane Cantanhêde - 'Democracia inabalada'

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../eliane-cantanhede-os...>

Celso Rocha de Barros - Falta punir estes aqui

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../celso-rocha-de-barros...>

Vinicius Torres Freire - O golpismo está forte e sacudido

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../vinicius-torres...>

Bruno Boghossian - Depois daquele domingo

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../bruno-boghossian...>

~*****~

'Sacrifício' de comandantes visa preservar FFAA; superar golpismo exige mais do que isso.

O atual governo não mostrou disposição para alterar as orientações da Defesa Nacional e, conseqüentemente, reformar instituições militares ineptas -

[https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/85512/sacrificio-de-comandantes-
visa-preservar-ffaa-superar-golpismo-exige-mais-do-que-
isso?utm_campaign=boletim_diario_0902_7&utm_medium=email&utm_source=RD+S](https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/85512/sacrificio-de-comandantes-visa-preservar-ffaa-superar-golpismo-exige-mais-do-que-isso?utm_campaign=boletim_diario_0902_7&utm_medium=email&utm_source=RD+S)
tation

Manuel Domingos Neto

As operações de busca e apreensão na residência de generais próximos de Bolsonaro e a prisão de dois oficiais superiores deixou confiantes os que prezam a democracia. Quem grita "sem anistia" sentiu-se contemplado. Muitos salientaram tratar-se de um momento histórico sem precedentes e aplaudem a coragem do ministro Alexandre de Moraes. A maioria aceita a ideia de que a democracia venceu. Nestes tempos obscuros, é bom demais ter algo de relevante a comemorar.

Mas, caberia pensar... ao acatar decisões judiciais desta monta, as corporações, profundamente envolvidas em manobras antidemocráticas nos últimos anos, não passam a falsa noção de que, repentinamente, em lance histórico inédito, assumem seriamente a institucionalidade do jogo democrático?

Uma ação da Justiça, por contundente que seja, teria o condão de alterar a velha tendência castrense de interferir no jogo político?

Mais sensato seria imaginar que a postura dos comandantes revela a satisfação diante da prevalência dos desígnios das fileiras.

O atual governo não mostrou disposição para alterar as orientações da Defesa Nacional e, conseqüentemente, reformar instituições militares ineptas para dizer não ao estrangeiro hostil e aptas ao controle da sociedade.

O militar continua pautando o governo em matéria de Defesa. O ministro José Múcio assume com todas as letras sua condição de “representante” das Forças, abdicando da condição de integrante da corrente política sufragada nas urnas.

Como se sabe, a condução da política de Defesa guarda implicações diretas com os mais variados domínios da atuação do Estado, em particular com as relações externas, a Segurança Pública, o desenvolvimento técnico-científico e industrial. A política de Defesa é uma peça-chave da integração sul-americana. Ao ditar a Política de Defesa, o militar se imiscui como quer nas entranhas do Estado e da sociedade. Em outras palavras, persiste exercendo a tutela configurada ao longo do regime republicano.

Os oficiais hoje investigados se comportarão altivamente na defesa de suas corporações? Aceitarão ser punidos solitariamente?

O atual governo assegura a continuidade de práticas corporativas ancestrais que garantem a priorização do combate ao “inimigo interno” em detrimento da capacidade de dizer não ao potencial agressor estrangeiro. O Brasil continua sustentando extensas fileiras terrestres e evitando priorizar sua capacidade aeronaval; persiste sem instrumentos de força para respaldar decisões soberanas em política externa. As Forças Armadas brasileiras continuam integrando oficiosamente o vasto esquema militar comandado pelo Pentágono.

Vitoriosos no embate político principal, os comandos militares acatam o sacrifício de alguns dos seus em troca da preservação da capacidade de ingerir nos negócios públicos e na vida social.

Hoje, em essência, ao tempo em que a institucionalidade democrática mostra vigor, foi dado um passo importante para conter a corrosão da imagem das Forças Armadas.

Talvez seja esse o significado mais relevante da operação comandada pelo Polícia Federal: o acatamento da decisão judicial ocorre como ato de proteção corporativa. Os comandantes sabiam da impossibilidade de sair incólumes depois da aventura em que se meteram ao apadrinhar Bolsonaro e respaldar seus desmandos. Afinal, atuaram em favor da prisão de Lula e confraternizaram com baderneiros reunidos diante dos quartéis. Em sua trágica aventura, envolveram o conjunto das corporações.

Preço a pagar

O preço a pagar pela preservação das instituições militares seria o sacrifício de alguns camaradas, os mais notoriamente associados ao ex-presidente.

Mas nada garante que o jogo de cena em curso se desenvolva de forma exitosa. Os oficiais hoje investigados se comportarão altivamente na defesa de suas corporações? Aceitarão ser punidos solitariamente preservando a imagem das fileiras?

Eis uma hipótese remota, se considerarmos a conduta do coronel Mauro Cid, que forneceu elementos preciosos aos investigadores. Difícil imaginar homens arrogantes e truculentos, como os generais Augusto Heleno e Braga Netto, resignando-se ao cárcere.

Mais fácil é imaginá-los atirando, inclusive em seus desafetos fardados. A caserna cultiva camaradagem e desafeições.

Quanto ao ex-presidente, pior ainda. Quem aposta no padrão moral de Bolsonaro? Na cadeia, esse homem, com arrobas de crimes nas costas, poderá bater com a língua nos dentes e desmontar o imaginário coletivo tão cultivado pelas fileiras. Não seria surpresa caso seja silenciado. Qualquer que seja o rumo dos acontecimentos, o fato é que estamos longe do final de um triste e trágico capítulo da história brasileira.

Manuel Domingos Neto | Colaborador da Diálogos do Sul

Franklin Cunha
TEXTO NA ÍNTEGRA AQUI

Moraes está dando corda para Bolsonaro se enforcar
"Eu acho que ele está deixando Bolsonaro fazer o que quer entre muitas aspas", opina
Bolsonaro convoca apoiadores para um ato de desagravo a ele! Em São Paulo, num
domingo, na avenida Paulista!

Todos sabem que aos domingos a Paulista é fechada ao trânsito e uma multidão de
pedestres usa a mais famosa avenida da cidade para ver shows, comprar lembranças,
vacinar-se, etc.

Ou seja: sempre tem uma multidão na Paulista aos domingos. Aí o cara vai dizer que
essa multidão veio para vê-lo?

Ele avisou aos aliados para não levar faixas e nem cartazes. Porque sabe que esse ato é
uma faca de dois gumes: tanto pode mostrar apoio a um ex-presidente que tentou um
golpe de estado quanto produzir mais provas contra ele. E também contra seus
apoiadores, sejam políticos ou anônimos.

Bolsonaro é tóxico; quem ficar perto dele corre risco. Quem seguiu suas ordens hoje
está preso ou ainda será.

Moraes tem experiência em lidar com organizações criminosas, como essa que tentou
virar a mesa e impedir a posse do presidente eleito.

Os mais afoitos, aqueles que defendem a democracia mas na hora H preferem soluções
autoritárias, poderão ver nessa convocação de Bolsonaro alguma dose de leniência de
Moraes, "está deixando Bolsonaro fazer o que ele quer".

Eu acho que ele está deixando Bolsonaro fazer o que quer entre muitas aspas.
Dependendo de seu comportamento (e de seus fãs), ele poderá sofrer medidas cautelares
mais duras do que a proibição de se comunicar com os demais investigados até o
julgamento e a condenação final da qual ninguém, em sã consciência, duvida nem
considera injusta.

Moraes está dando corda para Bolsonaro se enforcar.

Editorial Cultural FM Torres RS – dia 09 fevereiro

FRATURA EXPOSTA – Paulo Timm

XX

O Assunto g1 dia 9 de fevereiro 24

O cerco a Bolsonaro e a prisão de militares na trama golpista

<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2024/02/09/o-assunto-1147-o-cerco-a-bolsonaro-e-a-prisao-de-militares-na-trama-golpista.ghtml>

Vídeo de reunião de 5 de julho de 2022 mostra Bolsonaro, ministros da Defesa e da
Justiça, GSI e Abin tramando golpe

Na gravação, feita por Mauro Cid, Bolsonaro pede defesa do golpe, generais Paulo Sérgio e Heleno detalham fraudes e espionagens e Torres explicita como se daria o golpe

[Leia mais EM 247](#)

Bolsonaro e seus aliados Golpistas podem pegar até 23 anos de cadeia

Operação da Polícia Federal atingiu o ex-presidente, militares, o presidente do PL e o núcleo duro do golpismo

[Leia mais »»](#)

XX

A vida vem em ondas, como o mar. A História, também. Períodos de paz e tranquilidade, mesmo nos tempos contemporâneos, são atropelados por guerras sangrentas, revoluções e golpes de estado. Engana-se, inclusive, aqueles que acreditam ser a democracia resultado de um plano inclinado de direitos por onde flui, sem contratempos, um par romântico ao som de uma valsa austríaca. Diga-o a História dos Estados Unidos: Quase um milhão de mortos na Guerra Civil. No Rio Grande do Sul, depois da Proclamação da República, tivemos duas guerras civis violentas: 1893 e 1925.

Sobre golpes, inclusive, há verdadeiras enciclopédias escritas. Houve golpes bem sucedidos, golpes frustrados, golpes vazados e agora parece que se comprova que tivemos, no Brasil, uma “tentativa de golpe” sob os olhos cúmplices da cúpula do Governo Bolsonaro. Algo similar ocorreu na Turquia há poucos anos, no intento de derrubar o Presidente Erdogan. Acabou todo mundo na cadeia... No Brasil, teria havido, também, uma intenção de golpe, com urdidura de planos e prazos, até com data para a prisão e execução sumária do Ministro Alexandre de Moraes, Gilmar Mendes e Rodrigo Pacheco, Presidente do Senado, tudo sob os olhares complacentes do Presidente da República e principais auxiliares. Tudo isso já se suspeitava, à vista dos acampamentos em quartéis exigindo intervenção militar no final de 2022, que culminaram nos atos do 8 de janeiro, mas faltavam provas. Provas, aliás, muito difíceis. Como se prova um intenção não realizada?. Agora, porém, a Polícia Federal, como resultado de investigações que se desenrolam há mais de uma ano, com aval da Justiça, trouxe à tona revelações surpreendentes e comprometedoras. Houve uma minuta de Decreto para o golpe discutida no Palácio do Planalto com detalhes das intervenções. Vários auxiliares do ex Presidente conspiraram contra o império da Lei. Não escapou nem o Presidente do PL, Valdemar da Costa Neto. Eles foram objeto de ação policial com mandatos de busca e apreensão na madrugada de hoje, dia 8 de fevereiro, e tiveram seus passaportes retidos. Dois deles estão presos e vários outros, inclusive altas patentes militares, começando pelo ex Chefe do GSI, General Heleno, instados a prestar depoimento nos próximos dias. As investigações utilizaram informações fornecidas pelo ex-ajudante de ordens de Bolsonaro Mauro Cid, que fechou um acordo de delação premiada entregando o mapa indicativo da mina.

Concluindo: A casa caiu.

No mais duro golpe ao bolsonarismo e aos militares apoiadores do ex-presidente, a investigação da Polícia Federal (PF) que culminou na Operação Tempus Veritatis nesta quinta-feira, destrinchou seis núcleos que atuaram de dentro do governo Jair Bolsonaro, incluindo militares de alta patente e das Forças Especiais que estariam comprometidos com o golpe de Estado e articulariam pressão sobre oficiais legalistas, por eles chamados de “melancias”.

Ao todo, a operação cumpriu 33 mandados de busca e apreensão, 16 contra militares, e quatro mandados de prisão. Confira abaixo os alvos dos mandados de busca.

Anexo :

Operação expõe plano para unir militares, prender Pacheco e ministros do STF e incitar golpe. Investigação da PF destrincha fatos até então desconhecidos do plano golpista para manter Bolsonaro no poder

<https://www.brasildefato.com.br/2024/02/08/operacao-expoe-plano-para-unir-militares-prender-pacheco-e-ministros-do-stf-e-incitar-golpe>

Mateus Coutinho - Brasil de Fato | Brasília (DF) | 08 de fevereiro de 2024 às 12:31

O ex-presidente Jair Bolsonaro teve acesso à minuta golpista que previa as prisões e sugeriu que ela fosse alterada para constar somente a prisão de Alexandre de Moraes - Sergio Lima/AFP

No mais duro golpe ao bolsonarismo e aos militares apoiadores do ex-presidente, a investigação da Polícia Federal (PF) que culminou na Operação Tempus Veritatis nesta quinta-feira, (8), destrinchou seis núcleos que atuaram de dentro do governo Jair Bolsonaro, incluindo militares de alta patente e das Forças Especiais que estariam comprometidos com o golpe de Estado e articulariam pressão sobre oficiais legalistas.

CONTINUA APÓS PUBLICIDADE

A proposta golpista, inclusive, ficou registrada em minutas que foram discutidas pessoalmente com Jair Bolsonaro. Em uma delas, era previsto até a prisão do presidente do Congresso Nacional, Rodrigo Pacheco (PSD), e dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes e Gilmar Mendes.

CONTINUA APÓS PUBLICIDADE

As investigações utilizaram informações fornecidas pelo ex-ajudante de ordens de Bolsonaro Mauro Cid, que fechou um acordo de delação premiada.

Segundo o inquérito, o próprio Bolsonaro teve acesso à minuta golpista que previa as prisões e sugeriu que ela fosse alterada para constar somente a prisão de Alexandre de Moraes, que foi vigiado e teve seus voos monitorados por militares. Além disso, Bolsonaro convocou uma reunião com os comandantes das três forças para apresentar o documento. Na ocasião, somente o então comandante da Marinha, Almir Garnier, teria indicado apoio ao golpe

"Conforme descrito, os elementos informativos colhidos revelaram que Jair Bolsonaro recebeu uma minuta de Decreto apresentado por Filipe Martins e Amauri Feres Saad para executar um golpe de Estado, detalhando supostas interferências do Poder Judiciário no Poder Executivo e ao final decretava a prisão de diversas autoridades, entre as quais os ministros do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes e Gilmar Mendes, além do Presidente do Senado Rodrigo Pacheco e, por fim determinava a realização de novas eleições. Posteriormente foram realizadas alterações a pedido do então Presidente permanecendo a determinação de prisão do Ministro Alexandre de Moraes e a realização de novas eleições", afirma a representação da PF.

A própria PF identificou trocas de mensagens de Whatsapp entre Mauro Cid e Marcelo Câmara, outro auxiliar de Bolsonaro, sobre os itinerários de viagem de uma pessoa não identificada e cruzou as informações com as viagens realizadas por Alexandre de Moraes, que também é presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

"A investigação constatou que os deslocamentos entre Brasília e São Paulo do ministro Alexandre de Moraes são coincidentes com os da pessoa que estava sendo monitorada e acompanhada pelo grupo. Assim, o termo "professora" utilizado por Mauro Cid e Marcelo Câmara seria um codinome para a ação que tinha o Ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal e presidente do Tribunal Superior Eleitoral como alvo. A agenda do Ministro em comparação com as datas em que os diálogos foram realizados guardam contemporaneidade com as reuniões já descritas que ocorreram no Palácio da Alvorada com Filipe Martins, Amauri Saad e, posteriormente, com os chefes das Forças Armadas e com o então Ministro da Defesa. Considerando que a minuta do decreto que declarava o golpe de Estado previa a prisão do ministro Alexandre de

Moraes, o acompanhamento e monitoramento da autoridade - inclusive durante o Natal (24/12/2022) - demonstra que o grupo criminoso tinha intenções reais de consumir a subversão do regime democrático, procedendo a eventual captura e detenção do Chefe do Poder Judiciário Eleitoral", segue a Polícia Federal.

Militares de alta patente e incitação às Forças Armadas

Segundo informações expostas da decisão de Alexandre de Moraes que autorizou a operação desta quinta, a investigação da Polícia Federal revela que a tentativa de golpe envolveu seis núcleos de atuação, alguns deles já conhecidos, como o gabinete do ódio.

Outros núcleos, porém, só tiveram sua atuação revelada agora e, segundo a PF, envolveriam militares de alta patente e os ex-ministros militares do círculo de confiança de Bolsonaro, como os generais da reserva Augusto Heleno e Walter Braga Netto, além do ex-ministro da Defesa Paulo Sérgio Nogueira, o ex-comandante da Marinha, Almir Garnier, e o então comandante de Operações Terrestres do Exército, Estevam Theophilo Gaspar de Oliviera.

Segundo a PF, os oficiais de alta patente "agiram para influenciar e incitar apoio aos demais núcleos de atuação por meio do endosso de ações e medidas a serem adotadas para consumação do golpe de Estado", formando assim um núcleo próprio que teria apoiado outros núcleos.

O então comandante de Operações Terrestres do Exército, Theophilo Gaspar de Oliviera, teria se reunido com Bolsonaro em 9 de dezembro de 2022, já depois do segundo turno das eleições presidenciais, e teria sinalizado que concordaria com o golpe se o então presidente assinasse a minuta golpista que previa a prisão de Moraes:

PF aponta apoio de militares de alta patente ao golpe / Reprodução

A PF cita Braga Netto como o membro de um núcleo que também atuou para incitar os próprios militares a aderir ao golpe. Este núcleo teria como forma de atuação a "eleição de alvos para amplificação de ataques pessoais contra militares em posição de comando que resistiam às investigadas golpistas. Os ataques eram realizados a partir da difusão em múltiplos canais e através de influenciadores em posição de autoridade perante a 'audiência' militar."

Um dos integrantes deste núcleo, inclusive, seria o comentarista da Jovem Pan e neto do general João Baptista Figueiredo, Paulo Figueiredo Filho. Ele chegou a divulgar uma carta que os militares golpistas estavam preparando para pressionar o então comandante do Exército, general Freire Gomes, e também expôs nomes de militares que não estariam concordando com as iniciativas golpistas além de, segundo a PF, ter atuado no "contexto de propagação de desinformação golpista e antidemocrática".

Também havia, segundo as investigações, um núcleo de inteligência paralela, capitaneado por Augusto Heleno, com a participação de Mauro Cid e Marcelo Costa Câmara, para a "coleta de dados e informações que pudessem auxiliar a tomada de decisões do então Presidente da República Jair Bolsonaro na consumação do golpe de Estado. Monitoramento do itinerário, deslocamento e localização do Ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes e de possíveis outras autoridades da República com objetivo de captura e detenção quando da assinatura do decreto de golpe de Estado".

Havia também um núcleo de apoio operacional às manifestações, que recebia orientações de Mauro Cid sobre protestos e até promessas de que as Forças Armadas iriam garantir a segurança dos manifestantes golpistas. "A partir da coordenação e interlocução com o então Ajudante de Ordens do Presidente Jair Bolsonaro, Mauro Cedar Cid, atuavam em reuniões de planejamento e execução de medidas no sentido de manter as manifestações em frente aos quartéis militares, incluindo a mobilização, logística e financiamento de militares das forças especiais em Brasília", diz a PF.

Os demais núcleos seriam o de desinformação, formado por integrantes do gabinete do ódio, e o de apoio jurídico, formado por auxiliares de Bolsonaro como Filipe Martins e que auxiliaram na elaboração das minutas golpistas.

Ao todo, a operação desta quinta-feira cumpre 33 mandados de busca e apreensão, 16 contra militares, e quatro mandados de prisão. Confira abaixo os alvos dos mandados de busca:

Valdemar Costa Neto, presidente do PL – partido pelo qual Bolsonaro disputou a reeleição;

Walter Souza Braga Netto, ex-ministro da Defesa e candidato a vice de Bolsonaro em 2022;

Augusto Heleno, ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI);

Anderson Torres, ex-ministro da Justiça e Segurança Pública;

General Paulo Sérgio Nogueira, ex-ministro da Defesa

Almirante Almir Garnier Santos, ex-comandante-geral da Marinha;

General Estevam Cals Theóphilo Gaspar de Oliveira, ex-chefe do Comando de Operações Terrestres do Exército;

Tércio Arnaud Thomaz, ex-assessor de Bolsonaro e considerado um dos pilares do chamado "gabinete do ódio";

Filipe Martins, ex-assessor especial de Bolsonaro;

Marcelo Câmara, coronel do Exército citado em investigações como a dos presentes oficiais vendidos pela gestão Bolsonaro e a das supostas fraudes nos cartões de vacina da família Bolsonaro;

Rafael Martins, major das Forças Especiais do Exército;

Bernardo Romão Corrêa Netto, coronel do Exército;

Ailton Gonçalves Moraes Barros, capitão reformado do Exército expulso após punições disciplinares;

Amauri Feres Saad, advogado citado na CPI dos Atos Golpistas como "mentor intelectual" da minuta do golpe encontrada com Anderson Torres;

Angelo Martins Denicoli, major da reserva do Exército que chegou a ocupar cargo de direção no Ministério da Saúde na gestão Eduardo Pazuello;

Cleverson Ney Magalhães, coronel do Exército e ex-oficial do Comando de Operações Terrestres;

Eder Lindsay Magalhães Balbino, empresário que teria ajudado a montar falso dossiê apontando fraude nas urnas eletrônicas;

Guilherme Marques Almeida, coronel do Exército e ex-oficial do Comando de Operações Terrestres;

Hélio Ferreira Lima, tenente-coronel do Exército;

José Eduardo de Oliveira e Silva;

Laércio Virgílio;

Mario Fernandes;

Ronald Ferreira de Araújo Júnior;

Sergio Ricardo Cavaliere de Medeiros.

Edição: Matheus Alves de Almeida

XX
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XX

Editorial Cultural FM Torres RS – DIA 8 FEVEREIRO

Um rinoceronte celebrando a cerimônia da confusão

O título acima lembra uma das obras de Fernando Arrabal, um dos ícones do Teatro do Absurdo. Outro foi Ionesco, célebre por ter trazido à tona do cotidiano nada mais nada menos do que um ...rinoceronte. Na cena política nacional o cenário já esteve pior. A temperança de Lula, porém, no alto de seu terceiro mandato, algo inédito e surpreendente no país, tem contribuído para amenizar as tensões. Em visita a São Paulo e Rio, confraternizou com Governadores de Oposição e hoje estará ao lado de mais um deles: Zema, em Minas Gerais. Este fato também é inédito: Três dos maiores e mais importantes Estados são Governados pela Oposição. Pernambuco e Rio Grande do Sul também, embora com titulares não fanaticamente bolsonaristas. Isso, Governar com Oposição nos grandes Estados e ainda por cima sem maioria nas duas Casas do Congresso é um verdadeiro desafio, prenunciador de chuvas, trovoadas e até golpes inusitados. João Goulart, em 1964, viveu este drama. Caiu. Talvez não tivesse caído se Brizola fosse, em 64, o titular do Piratini, como provou na Legalidade três anos antes. Enfim, o cenário nacional é difícil, muito polarizado mas tem no temperamento do Lula, sempre disposto ao diálogo e convicto da importância da construção de uma Frente Democrática para evitar o pior e na existência de um colchão de acomodações no Congresso identificado com o Centrão, fatores de estabilização. Eis, porém, que entra em cena na abertura dos trabalhos legislativos deste ano um rinoceronte à lá Ionesco e começa a celebrar confusões: O “Rei Artur”, Presidente da Câmara dos Deputados. Alega autonomia e independência da Casa e tenta defender interesses corporativos em nome da democracia: “O Orçamento é nosso!”. Tudo para justificar as Emendas Parlamentares que municipalizam o Congresso e acabam pulverizando o Orçamento Federal com “puxadinhos” de interesse eleitoral local. Lira só não esbravejou, ao estilo autocráticoi, mas foi duro o suficiente para ser tomado como ameaçador. Não obstante, expôs-se à crítica dos analistas que perceberam na sua dicção o último gesto do afogado, ao qual lhe resta apenas um ano de glória no “no topo de cadeia alimentar” das Emendas. Lula tem três anos. O tempo joga a seu favor. Não respondeu ao desafio do desafiante. Deixou-o falando sozinho enquanto viaja pelo país preparando o espírito de aliados para o pleito de outubro. Muitos lembram que 2024 poderá repetir 1974, quando, depois do dilúvio dos Anos de Chumbo, quando a esquerda foi arrasada pelo AI 6, 18 Senadores liberais foram eleitos pelo MDB. Ficou tão difícil a situação para o “regime” que o Presidente Geisel teve que inventar os Senadores biônicos, nomeados pela baioneta. Agora, também, vive-se um período de retomada de fôlego, depois do vendaval do Impeachment de Dilma, da Lavajato e da eleição de Bolsonaro em 2018. A ver. Quem viver até o fim do ano, melhor, até o fim do mandato de Lula, verá. Duvido que até lá alguém se lembre quem foi um tal de Artur Lira...

Anexos

Bruno Boghossian - O centrão em busca de rendição, Em busca de rendição de Lula, centrão faz pressão que corrompe a lógica política Folha de S. Paulo -
<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../bruno-boghossian-o...>

Um presidente da Câmara tem muito poder, mas só incomoda de verdade quando consegue instalar um clima de rebelião capaz de contaminar o restante do plenário.

Arthur Lira ameaçou apertar esse botão em seu discurso na segunda-feira (5). O chefe exibiu aos colegas armas de uso coletivo, pôs um preço em projetos aprovados no ano passado e mostrou que não desistirá de aportes adicionais ao generoso fundo que abastece integrantes da Casa.

Como presidente do sindicato mais rico do país, Lira entregou benefícios saborosos aos filiados. Partilhando verba entre os parlamentares, ele rachou bancadas, puxou para sua zona de influência integrantes de partidos diversos e comprou a lealdade de deputados que passaram a votar de maneira coordenada —contra ou a favor dos interesses do governo, a depender da hora.

O tiro de Lira foi disparado em direção ao Planalto, mas o objetivo era inflar a insatisfação interna de uma corporação que tem o apetite em expansão. Ele convocou o plenário a permanecer em estado de alerta contra o que chamou de acordos descumpridos e inaugurou uma falsa concorrência entre Congresso e Planalto pelo poder de determinar como o Orçamento deve ser gasto.

Se o governo prometeu a Lira algo que não vai entregar, este é um problema que Lula e seus auxiliares poderiam resolver à luz do dia. Mas o Centrão parece mais interessado em obter a rendição do Planalto em condições enevoadas e em termos que corrompem a lógica política.

Lira tenta tirar proveito individual da pressão que deputados podem exercer sobre o governo. Ao insistir na ideia de que o Congresso é uma arena de distribuição de vantagens políticas, ele busca manter a coesão do plenário e, com isso, obter controle absoluto sobre sua sucessão como presidente da Câmara, em 2025.

Lula deu sinais de que vai resistir. Ainda que não admita ir à guerra, o Planalto se recusa a oferecer apoio antecipado ao candidato de Lira ou terceirizar ao deputado o controle da agenda política, como fez Bolsonaro.

Vera Rosa - Estratégia de Lira ameaça rachar Centrão = Se troco no governo atingir agenda de Haddad, presidente da Câmara também perde Faria Lima

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../vera-rosa-estrategia...>

A relação entre o Palácio do Planalto e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), vai de mal a pior. Mas isso não significa que o Centrão esteja 100% alinhado com ele, apesar de sua liderança sobre o grupo. Embora dê demonstração de força e tenha poder para segurar votações de interesse do governo Lula, o deputado faz movimentos arriscados.

Em primeiro lugar, Lira não pode adiantar o anúncio de quem terá o seu apoio na disputa pelo comando da Câmara, mesmo pressionando o presidente Lula a avalizar desde já esse candidato. A eleição dos novos presidentes da Câmara e do Senado ocorrerá somente em fevereiro de 2025 e qualquer articulação escancarada, nesse momento, pode fazer o seu mandato terminar antes da hora.

Além disso, se o troco no governo respingar na agenda do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, Lira perde o respaldo do mercado e da Faria Lima. Ele sabe dessa “armadilha”.

O discurso oficial para a rebelião é de que o Planalto não cumpre acordos e não libera as verbas acertadas para as emendas orçamentárias. A preocupação com o dinheiro atinge todos os parlamentares neste ano de eleições municipais.

Diante desse cenário, a manifestação de Lira na retomada dos trabalhos legislativos, anteontem, foi sob medida para ecoar no baixo clero, de quem ele precisa para fazer o sucessor.

O ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, assegura que o governo reservou, de janeiro a dezembro de 2023, R\$ 34,6 bilhões para pagar emendas. Aliados do presidente da Câmara – que pede a cabeça de Padilha – dizem, por sua vez, haver bloqueio de verbas.

O problema é que, se Lira exagerar na dose, racha o Centrão. Motivo: há no grupo vários pré-candidatos à sua vaga, além do líder do União Brasil, Elmar Nascimento (BA), até agora o preferido por ele.

Estão na lista dos que pretendem disputar a cadeira de Lira os deputados Antônio Brito, que comanda a bancada do PSD, e Marcos Pereira (Republicanos), vice-presidente da Câmara. Os dois têm se aproximado cada vez mais do governo. Nos bastidores, dirigentes do PT e auxiliares de Lula afirmam que o favorito do Planalto é Brito.

Para completar, o PSB do vice Geraldo Alckmin deixou o bloco de Lira. Nesse jogo, enquanto a cúpula do PT esfria o café do presidente da Câmara, o governo joga isca para dividir o Centrão.

Só que política não é aritmética e Lira também tem sua “bancada” no PT. Muitos ali se lembram de que uma canetada do presidente da Câmara, à época Eduardo Cunha, alavancou o impeachment de Dilma Rousseff. O Brasil de 2024, porém, não tem semelhança com o de 2016. E, além disso, Lula não é Dilma.

Vera Magalhães – Política do café com leite

<https://gilvanmelo.blogspot.com/.../vera-magalhaes...>

Editorial Cultural FM Torres RS –01 fev. 24

O adeus a Ivan Brocca

Moisés Trisch - (5) Facebook •

O amigo Ivam Brocca partiu. Fez a passagem para o mundo espiritual. Era amigo de verdade, na mais pura concepção da palavra. Bancário por muito tempo, sempre, sempre foi advogado. Muito antes da faculdade, antes de conhecer o direito, já intercedia, reclamava, defendia, postulava em favor dos amigos e dos mais fragilizados. Sempre

buscou a justiça, muito além da mera justifica legal ou institucional. Amava a justifica plena, muito além do que consegue abarcar a lei. Amava e perseguia a justiça social e buscou a política p/ atuar para isso. O Partido dos Trabalhadores, que presidia em Torres, nunca foi, p/ ele, um fim em si mesmo. Era instrumento e, como instrumento, quando apresentava defeito, ele parava o trabalho e exigia conserto da ferramenta. Pessoa de origem humilde, buscou conhecimento e fez dele instrumento de ação, jamais de humilhação. Tinha sim orgulho de seus feitos, mas não era um "orgulho orgulhoso", ao contrário, quem o conhecia sabia da sua humildade, revelada em qualquer diálogo, (diálogo que, p/ ele, sempre iniciava com escuta). Sabia falar como poucos, mas ouvia como ninguém. Escutava verdadeiramente.

E como gostava de enaltecer seu próximo! Não conheci até hoje ninguém que sentisse tanto prazer em elevar quem ele entendesse merecedor. Elogiava verdadeiramente. Identificava as qualidades da pessoa e as colocava em evidência, fazendo isso com prazer verdadeiro, que podia ser sentido nas palavras. Ele adorava as palavras, tinha cuidado e carinho com elas, e as empregava bem. Dono de uma crítica contundente e até mordaz, usava desse expediente com parcimônia, mas sempre que preciso fosse, p/ quem ousasse praticar injustiça na sua presença.

Conheci o Dr. Ivam Brocca ao atendê-lo, como servidor da justiça. Ele era de uma educação e cortesia singelas e únicas, todos servidores queriam encarregar-se dele. Quando eu estava desiludido localmente com meu partido em 2015/16, fiquei sabendo que o Dr. Ivam era petista. O procurei e ele me apresentou ao partido, a muitas outras companheiras e companheiros que até então não conhecia. Adotou-me politicamente e passou a incentivar minha participação. Assumi o partido em 2019. Ele presidente, eu como vice. Desde então, foi meu suporte, meu ancoradouro em dias de tempestade.

Você fará muita falta companheiro, verdadeiro companheiro (sem você como ficará nossa retaguarda na trincheira?), nossa "soma de inteligências" sofre du ra e insubstituível subtração. Mas vamos honrar tua luta com mais luta!

Vai o homem, o pai, marido, conselheiro estadual da OAB, adv. das causas que muitos tinham receio em abraçar. O orgulho é nosso, é de Torres, de tê-lo tido aqui, conosco.